

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

DANIEL BASILE PUCCI

*A voz das arquibancadas: uma compreensão
fenomenológica do torcedor de futebol*

São Paulo

2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

DANIEL BASILE PUCCI

A voz das arquibancadas: uma compreensão
fenomenológica do torcedor de futebol

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial
para a graduação no curso de Psicologia, sob orientação
do Prof. Dr. Marcos Colpo.

São Paulo

2009

*O Corinthians não teve começo, ele brotou;
não teve meio, tem um presente que é uma lição;
e, tão certo como a eternidade, jamais chegará ao fim.*

Juca Kfourì

Agradecimentos

- Ao Professor Dr. Marcos Colpo, pela orientação que possibilitou a realização deste trabalho desde seu estágio embrionário
- À Professora Sandra Bettoi, cuja ajuda foi essencial para a estruturação do projeto deste TCC
- Aos amigos de colégio e faculdade, pela motivação e entusiasmo
- Ao amigo Felipe Figueiredo Mello, por ter me desafiado a ser cada vez mais torcedor
- Ao amigo Rafael Ribeiro da Silva, por seu contagiante fanatismo racional que muito me ajudou na compreensão do torcedor
- Ao amigo Guilherme Conti Marcello, pela ajuda em questões metodológicas e pela minuciosa revisão deste trabalho
- À minha família, pela paciência que tem comigo nos momentos em que a minha prioridade é o futebol
- À Fiel Confraria Corinthians, pela companhia de paixão e de estádio
- Ao Sport Club Corinthians Paulista, onde tudo começou

Obrigado.

Daniel Basile Pucci. A voz das arquibancadas: uma compreensão fenomenológica do torcedor de futebol. 2009. Orientador: Prof. Dr. Marcos Colpo.

Resumo

O futebol mobiliza milhões de pessoas que querem acompanhar de perto seus times. Os torcedores, que compõe a força que impulsiona o esporte, na maioria das vezes são vistos como uma massa. Ainda, sua reputação é comprometida pelo comportamento de uma pequena parcela que age de forma violenta. É a partir da concepção de torcedor como mero membro de um coletivo, que seria muitas vezes pautado pela agressividade, que estudos acadêmicos de diversas áreas se desenvolvem. Além disso, no campo da Psicologia, tais trabalhos buscam, em geral, relacionar determinadas teorias com o comportamento desse grupo. O torcedor como singularidade não é contemplado. A presente pesquisa buscou compreender o torcedor da forma como ele é e a partir de sua própria fala, sem se basear em pré-concepções teóricas.

Para tal, o método fenomenológico de pesquisa foi escolhido, uma vez que permite ao pesquisador realizar uma análise do fenômeno em questão de acordo com o objetivo já citado. A partir de um roteiro de perguntas formulado pelo autor, o torcedor foi convidado a compartilhar suas vivências. O resultado dessas entrevistas semi-dirigidas foi o fundamento sobre o qual o pesquisador pode construir sua compreensão, utilizando como suporte a concepção de homem e de mundo da fenomenologia existencial.

Das falas dos entrevistados emergiram temas que foram desenvolvidos pelo autor. Esses temas foram abordados tendo como base a compreensão de que o futebol e o torcer têm uma importância vital aos participantes, uma vez que é neles que o torcedor se torna aquilo que ele é. A partir disso, o autor discorreu sobre o afeto do torcedor, sua relação com os outros e a forma como ele cuida daquilo que lhe é tão caro. A análise termina com a possibilidade da perpetuação do torcedor e da eternidade do futebol. Torna-se possível, ao final do trabalho, pensar em mudanças na forma de se olhar o torcedor de futebol, que escapa das determinações que a ele são impostas e surge como representante do que é viver.

Palavras-chave: Torcedor. Futebol. Fenomenologia. Compreensão.

Sumário

1 Introdução	6
2 Revisão da literatura	9
3 Método	12
3.1 Procedimento.....	14
3.2 Roteiro de perguntas	17
4 Transcrição das entrevistas	18
4.1 Entrevista 1.....	18
4.2 Entrevista 2.....	29
4.3 Entrevista 3.....	38
4.4 Entrevista 4.....	46
4.5 Entrevista 5.....	54
5 Análise	62
5.1 Futebol é vida.....	63
5.2 Afeto do torcedor	65
5.3 Os iguais que são iguais e os iguais que são diferentes	68
5.4 Cuidado e falta	71
5.5 Futebol e a eternidade	75
6 Considerações finais	77
Referências bibliográficas	79
Anexos	81
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	81
Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP.....	82

1 Introdução

O futebol é o esporte de maior popularidade no Brasil. É um dos poucos eventos neste país que, em um dia, é capaz de atrair milhares de pessoas para um mesmo local, o estádio. O Campeonato Brasileiro de 2008 levou 6.201.019 pessoas aos estádios, com uma média de 16,714 torcedores por jogo, sendo levados em conta 371 dos 380 jogos do Campeonato. Isso nos faz imaginar que há algo neste esporte capaz de levar o equivalente a 3,6% da população brasileira aos estádios em um ano. É importante considerar que os números apresentados se referem a apenas uma edição deste campeonato que contou com somente 20 times. Se considerarmos a Série B do Campeonato Brasileiro devemos somar 2.378.065 torcedores ao número de pessoas que frequentaram os estádios em 2008 (Bola na Área, 2009). Ainda poderíamos incluir neste dado números da Copa do Brasil, Copa Libertadores da América, Copa Sul-Americana e campeonatos estaduais.

Por ser tão popular, o futebol recebe muita atenção da mídia, população em geral e trabalhos científicos das mais diversas áreas do conhecimento: desde a Economia e o Direito, até a Psicologia e as Ciências Sociais. Curiosamente, pouca atenção é focada na força motriz do futebol. O torcedor passa quase que despercebido pelos trabalhos acadêmicos que dizem respeito ao esporte bretão. Já na mídia, o torcedor consegue expor sua opinião através de jornais e sites especializados. O diário esportivo *Lance!* publicou na semana de 05/05/08 uma série de reportagens intitulada “*Estádios: a visão do torcedor*” (Ayres, 2008), na qual as condições das arenas esportivas brasileiras são avaliadas pelo diário levando em conta critérios como violência, conforto, transportes, alimentação, ingressos, higiene, condições para receber grandes eventos e outros atrativos. A série revelou as condições extremamente precárias das instalações da maioria dos estádios brasileiros, dando voz aos torcedores que frequentam tais praças esportivas. Neste sentido, os números acima apresentados poderiam ser bem maiores não fossem as condições atuais dos estádios, que fazem com que muitos acompanhem os jogos pela televisão ou rádio.

No âmbito legislativo, o torcedor é contemplado desde 15/05/03, quando foi sancionado pelo Presidente da República o Estatuto de Defesa do Torcedor, Lei n. 10.671, cujas disposições buscam regular os direitos do torcedor e os deveres das entidades responsáveis pelos campeonatos. O Estatuto trata da transparência na organização dos eventos, do regulamento de competições, da segurança do torcedor, dos ingressos, do

transporte, da alimentação e higiene, da arbitragem e de outros temas relacionados ao esporte, sempre com o objetivo de garantir ao torcedor melhores condições no exercício de seu papel.

Essa preocupação com o torcedor não se apresenta infundada. Justamente por seu papel imprescindível, o torcedor garante a sobrevivência do esporte e apesar de muitos problemas que enfrenta para acompanhar seu time, ainda temos um público grande lotando estádios brasileiros. Mesmo assim, o torcedor de futebol, como singularidade, não é considerado no mundo acadêmico. Em geral, os trabalhos relacionados a esse público buscam, na área da Psicologia, aplicar aos comportamentos dos torcedores teorias psicológicas, como a chamada Teoria de Identificação e a Teoria da Psicologia das Massas, transformando o torcedor em um exemplo de como determinados processos psíquicos se manifestam. Vê-se essa proposta nas teses de Cavalcanti (2002) e Luccas (1998). Os trabalhos encontrados relacionados às Ciências Sociais em geral buscam, por sua vez, explicar a violência que ocorre eventualmente entre torcidas organizadas rivais, como se vê em Silva (1996) e Pimenta (1995). Nenhum destes trabalhos se preocupa em aproximar o olhar científico das vivências do torcedor de futebol a partir da visão do próprio. Apesar de levarem em conta a paixão dos torcedores, enxergam-na como algo próximo do patológico, que os leva à violência, ou então apenas como uma necessidade de se sentir aceito em um grupo. Ainda, focalizam sua atenção às questões relativas às torcidas organizadas, que apesar de gozarem de uma grande exposição perante a sociedade, não podem ser consideradas como representativas da maioria da população de torcedores.

O presente trabalho tem como meta compreender o torcedor de futebol a partir de seu próprio depoimento. Foi a partir do interesse do autor em relação ao tema e da precariedade das investigações realizadas até esse momento que surgiu a motivação para a realização dessa dissertação. Nos trabalhos comentados acima e nos que serão explorados na próxima seção, não é permitido ao torcedor expressar suas experiências sem um direcionamento do pesquisador. Poucos trabalhos contaram com entrevistas, privando o torcedor de colocar-se à sua maneira.

Busca-se aqui realizar um aprofundamento de uma pesquisa realizada pelo próprio autor. Pucci (2006) tinha como objetivo descrever a paixão do torcedor de futebol. Com base nas respostas de torcedores a um roteiro de perguntas foi realizada uma leitura que tinha, por objetivo, a descrição. Assim, foi dada ao torcedor uma oportunidade de se colocar da maneira que entende mais apropriada. Para aprimorar os primeiros resultados, novamente através de entrevistas realizadas em frente aos principais estádios paulistas, a pesquisa que se segue

busca, além de poder descrever, compreender as vivências destas pessoas que são devotadas e apaixonadas por um esporte e por um clube.

Desta forma, tenta-se aproximar o olhar científico do olhar dos cronistas de futebol, que mostram compreender o que ocorre de fato com os torcedores deste esporte, provavelmente por serem, eles próprios, torcedores e apaixonados. Como resultado, espera-se o desvelamento do sentido do futebol para os torcedores, assim como a compreensão de como é ser-torcedor. “(...) *O que significa sentido? (...) sentido significa a perspectiva do projeto primordial do qual alguma coisa pode ser concebida em sua possibilidade como aquilo que ela é. O projetar abre possibilidades, isto é, o que possibilita.*” (Heidegger, 2005b, p. 117-118). Para isso, será realizada inicialmente uma revisão da literatura disponível acerca do tema, que compõe a segunda seção deste trabalho. A terceira seção será dedicada à explicitação do método fenomenológico de pesquisa, ao detalhamento do procedimento a ser realizado e ao roteiro de perguntas. A quarta seção conterá as transcrições das entrevistas realizadas. *As transcrições foram colocadas no corpo do trabalho e não na parte de anexos por serem de caráter fundamental para o desenvolvimento da análise realizada na quinta seção, uma vez que isso foi feito inteiramente a partir das entrevistas.* Na sexta seção estarão as considerações finais formuladas pelo autor. Ao final do trabalho encontram-se as referências das bibliografias citadas e dois anexos, sendo eles o modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido utilizado e o parecer cedido pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP que aprova a realização deste trabalho.

2 Revisão da literatura

Foram poucos os artigos encontrados que buscam entender o torcedor enquanto singularidade. Gaunt, Sindic & Leyens (2005) dividem o leque de emoções que podem ser sentidas em dois grupos: 1) as emoções primárias, que são atribuídas também a animais - como surpresa, medo e raiva; e 2) emoções secundárias, que são atribuídas unicamente a humanos - como esperança, admiração e humilhação. Baseando-se na idéia de que membros de grupos antagônicos seriam vistos de forma desumanizada, os autores criam a hipótese de que a previsão da duração e da qualidade (primária ou secundária) das emoções sentidas por membros do próprio grupo e de outro grupo de torcedores de futebol deve variar de acordo com essa percepção. Desta forma, a incidência de emoções apreendidas como secundárias seria maior, sendo sentidas por mais tempo por membros do próprio grupo, e menos manifestas por tempo menor em integrantes de outro grupo, posto que esses seriam vistos como “menos humanos” na percepção do indivíduo. Não haveria diferença na emergência de emoções primárias, já que essas não são creditadas unicamente a humanos. Os resultados da pesquisa referenciada, obtidos através de entrevistas com torcedores belgas antes de um jogo entre Bélgica e Turquia, corroboram essa hipótese.

A investigação supracitada não tem como foco especificamente as emoções de torcedores de futebol, mas as formas como grupos antagônicos enxergam uns aos outros. Os torcedores foram escolhidos por formarem uma população interessante para esse estudo, dada a já conhecida força emocional atribuída a eles. A pesquisa busca generalizar seus resultados para todas as interações intergrupos. Na discussão, os pesquisadores introduzem o termo “infra-humanização”, compreendido como a percepção de que membros de outros grupos sentem menos emoções humanas do que membros do próprio grupo, que faria com que seja menos frequente a ajuda, caso precisem, e mais frequente a agressão aos membros do outro grupo. Não foi verificado na pesquisa quantos torcedores agrediram de fato torcedores de outros times.

Cohen & Avrahami (2005) buscaram relacionar a Sport Fan Motivation Scale (SFMS), escala construída para avaliar a motivação de torcedores de esportes, com comportamentos ativos e passivos do torcedor de futebol, sendo os ativos a presença em estádios e os passivos o acompanhamento do time através da mídia. A escala usa oito componentes para analisar a motivação do espectador: 1) motivação grupal (estar com outros

torcedores do mesmo time), 2) motivação econômica (apostas), 3) stress positivo (ansiedade e excitação gerada pelo esporte), 4) auto-estima, 5) escape do dia-a-dia, 6) entretenimento, 7) estética e 8) família. Cada uma dessas motivações é relacionada com o comportamento ativo ou passivo do torcedor. Alguns fatores se relacionam com o comportamento ativo: 1, 3 e 7. Outros, com o comportamento passivo: 2 e 6. Em um ponto se unem: 4, e também se distinguem totalmente em: 5 e 8. Essa pesquisa mostra-se pertinente pois busca entender o que leva os torcedores ao estádio a partir do ponto de vista dos mesmos. A SFMS é um escala de vinte e três itens que busca avaliar as oito motivações mencionadas acima. A pesquisa utiliza uma escala cabível para avaliar as motivações do torcedor. Porém, essa utilização não permite que o entrevistado expresse seus pensamentos e vivências a partir de sua forma única de ver o mundo, visto que se apresenta restrito aos itens e motivos pré-selecionados pelo entrevistador.

Joison (2000) descobriu que a busca por informações na Internet a respeito de times aumenta significativamente após uma vitória desse time, mas não diminui após a derrota ou empate. O autor inicia a sua investigação apresentando como a busca por informação, a agressão e o compartilhamento de informações pessoais é maior quando as interações são mediadas por computadores. Aborda então a auto-imagem do torcedor, que após uma vitória de seu time quer se associar a ele, usando a camisa do clube e o pronome “nós” ao se referir ao mesmo. Após uma derrota, foi constatado que o torcedor tenta se desassociar do time, atitude direcionada à preservação de sua auto-imagem. Não usa a camisa do uniforme e usa o pronome “eles” ao se referir ao time. Isso levaria a crer que o acesso à informação após a derrota diminuiria, por ser potencialmente danosa à auto-imagem do torcedor. No entanto, isso não ocorreu. A explicação dada é o anonimato promovido pela Internet permitir a preservação da auto-imagem. O autor pesquisou somente o número de acessos aos sites de times por um determinado tempo e comparou-os com os resultados do time nesse período. Não houve nenhum tipo de contato direto com o torcedor.

Freitas (2005) realizou entrevistas abertas com torcedores e concluiu que o futebol é um meio de união entre as classes sociais. A pesquisa argumenta que para os estratos superiores da sociedade, o futebol tem a função de lazer, divertimento e escape da rotina. Já para as camadas menos favorecidas, o futebol seria a razão para se viver. Logo, o futebol teria significados diferentes para cada um. Deste modo, a união que ocorre nos estádios, apesar desses diferentes significados, e a camaradagem entre torcedores fariam do futebol uma experiência democratizante. Porém, a autora se limitou a estudar essa relação de camaradagem entre membros de uma mesma torcida. A autora aponta o futebol como um

caminho para a cidadania, o que é curioso, posto que muitas vezes apenas a violência entre torcidas é retratada.

Wagner (1999) tenta criar um paralelo entre a idéia de bioenergia e curva orgástica de Reich e o futebol. O momento do gol seria compreendido como o orgasmo. Fatores como a preparação para ir ao estádio, a excitação da torcida, a importância do jogo e a rivalidade entre os times criariam uma tensão pré-orgástica. Haveria vários caminhos para o gol, as preliminares seriam importantes (jogadas) e a tensão seria mantida até o apito final. Fazer um gol significaria um alívio temporário da tensão, uma vez que esta poderia ser carregada novamente com uma simples falta perigosa a ser cobrada pelo adversário. O autor ainda diz que um jogo pode ser decepcionante se não houver belas jogadas, dribles ou gols. Os jogos que trariam maior prazer para uma pessoa ocorreriam quando ambos os times jogam bem, mantendo uma tensão pré-orgástica alta durante todo o jogo e, apesar do equilíbrio, o time deste torcedor ganha. O orgasmo maior viria no apito final, permitindo o tão esperado relaxamento. O trabalho citado é uma tentativa de compreensão do torcedor. Porém, ao encaixar o torcedor numa teoria psicológica já existente, transforma-o em um mero exemplo para tal. Nesse sentido, guardadas as devidas proporções, o pesquisador tende a fazer com os torcedores o que Procusto fazia com suas vítimas: ajustá-los de acordo com seu próprio referencial.

3 Método

O referencial metodológico da fenomenologia foi escolhido como norte em relação ao presente trabalho por suas características como método investigativo. A redução fenomenológica e a noção de intencionalidade, que o constituem, instrumentalizam o autor em seu objetivo de compreender o torcedor de futebol da maneira como ele é e se apresenta, sem limitá-lo a classes de respostas pré-concebidas ou utilizá-lo como mero exemplo de uma teoria. De acordo com Merleau-Ponty (2006, p. 1):

A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir as essências. (...) Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se pode compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua “facticidade”.

Para que isso seja possível, é necessário que o pesquisador se utilize da redução fenomenológica. Esse primeiro passo de uma pesquisa fenomenológica consiste na postura do pesquisador. Para Husserl, filósofo que criou o método em questão em busca de uma filosofia rigorosa, é necessário que o pesquisador coloque seus pressupostos em suspensão, para poder ir em direção às coisas elas mesmas (Dartigues, 2005). Ao não basear o pensamento em pré-concepções, é possível realizar uma caminhada em direção ao fenômeno da forma como ele vem à luz para determinada consciência. Ter tal postura não significa que o pesquisador seja neutro em relação ao que é pesquisado, mas que conduzirá o processo de análise numa atitude de abertura em relação à vivência do entrevistado (Bruns, 2001). A redução consiste, portanto, numa suspensão de juízos e valores que o pesquisador carrega consigo e é essencial no momento de se colocar no lugar do outro e compreendê-lo.

O método fenomenológico, para alcançar as coisas elas mesmas, se utiliza da noção de intencionalidade. Esse princípio nos ensina que não é possível observar um objeto sem levar em conta uma consciência que esteja direcionada para o mesmo, que lhe confere determinada significação e o torna, portanto, um objeto voltado a uma dada consciência. Da mesma forma, não é possível pensar a respeito de uma consciência desvinculada de um objeto, de um mundo para o qual se dirigir. Esse fundamento marca a superação da dicotomia sujeito/objeto¹, já que propõe que ambos estão intimamente relacionados, dando sentido um

¹ Noção instaurada na história da filosofia e das ciências humanas desde Platão e enfatizada pela postulação cartesiana da *res cogitans* e *res extensa* (Descartes, 1983).

ao outro, não sendo mais estudados individualmente. Deste modo, a consciência é então *consciência intencional* (Dartigues, 2005).

A pesquisa fenomenológica busca compreender a atribuição de significados a determinado fenômeno. A multiplicidade de significações ocorre de acordo com o princípio de intencionalidade mencionado acima. Cada pessoa, de acordo com a “intenção” da consciência, desvela uma apreensão de determinado fenômeno que por ela seja visado. Quando se busca compreender um ser que compreende, deve-se ter como foco a intencionalidade da consciência. *“Compreender um comportamento é percebê-lo, por assim dizer, do interior, do ponto de vista da intenção que o anima, logo, naquilo que o torna propriamente humano e o distingue de um movimento físico.”* (Dartigues, 2005, p. 48).

Neste sentido, a fenomenologia enquanto método e postura busca, de início e na maioria das vezes, compreender o fenômeno tal qual se mostra, desprendido das inúmeras pré-determinações que o envolvem. Logo, na presente pesquisa, a redução fenomenológica se faz útil frente ao objetivo primeiro do autor: compreender o torcedor e sua paixão a partir de sua própria voz.

3.1 Procedimento

Os entrevistados para a presente pesquisa serão torcedores dos seguintes times de futebol do estado de São Paulo: **Sport Club Corinthians Paulista, São Paulo Futebol Clube, Sociedade Esportiva Palmeiras, Santos Futebol Clube e Associação Portuguesa de Desportos.**

Para a obtenção de depoimentos será realizada uma entrevista semi-dirigida tendo como base um roteiro de perguntas construído pelo autor, inspirado na experiência do próprio como torcedor, em suas observações de outros torcedores e na leitura do livro “*Febre de Bola*”, do escritor inglês Nick Hornby (2000), fanático torcedor do Arsenal, time de futebol londrino. O roteiro tem o intuito de convidar o torcedor a compartilhar suas experiências, suas idéias, opiniões e pensamentos com o pesquisador. **Por ser uma entrevista semi-dirigida, o pesquisador não se limitará ao roteiro.** A partir das respostas do participante e seguindo o movimento que ele propõe, o pesquisador buscará descobrir detalhes da experiência relatada através de outras perguntas formuladas no momento. Também serão obtidos os seguintes dados de identificação do participante: iniciais, idade e frequência no estádio.

As entrevistas serão realizadas em frente aos estádios de futebol antes de jogos oficiais dos clubes mencionados. O participante será escolhido aleatoriamente para responder às perguntas. Será abordado pelo pesquisador e requisitado a conversar a respeito de sua experiência como torcedor para uma pesquisa de conclusão de curso. A entrevista será realizada após serem feitos todos os devidos esclarecimentos e após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Apenas duas exigências serão colocadas como possibilidade de participação: 1) presença neste ano em pelo menos 50% dos jogos nos quais o respectivo time foi mandante; e 2) não ter qualquer associação com torcidas organizadas. As exigências tem como objetivo limitar a pesquisa a torcedores mais atuantes e representativos. É do entendimento do autor que torcedores associados às torcidas organizadas não representam a maioria dos torcedores de futebol, uma vez que são relativamente poucos e que estão sujeitos a influências peculiares relativas a uma organização paralela ao time de futebol.

As entrevistas serão gravadas e transcritas. Os relatos coletados serão examinados pelo autor, para que se desenvolva familiaridade com os conteúdos das respostas. Essa

imersão no discurso dos participantes permite “*aprofundar a percepção de como o fenômeno interrogado se revela de acordo com a vivência de cada entrevistado*” (Bruns & Trindade, p. 79). Isto feito, será possível perceber unidades de significado, trechos da fala do entrevistado que revelam sua compreensão do fenômeno em questão. Esta percepção terá como base as concepções de homem, mundo e atitude de abertura da fenomenologia-existencial. Será realizada, na sequência, uma busca por temas que se interligam e outros distintos, reunindo-os de acordo com essa lógica. A partir deles, será desenvolvida uma compreensão do fenômeno em questão através da análise dos temas. Tal análise terá como suporte a ontologia hermenêutica de Martin Heidegger (2005).

Isso será possível pois o pesquisador buscará colocar-se no lugar daquele que contou sobre sua vivência, através de um estado chamado variação imaginativa. É através desse estado que o pesquisador pode compreender o fenômeno estudado (Bruns & Trindade, 2001).

Haverá portanto três movimentos complementares: primeiramente, o pesquisador se colocará numa posição de abertura ao entrevistado, através da redução fenomenológica. Em um segundo momento, a manifestação do participante será revelada pelo próprio e chegará ao pesquisador através da entrevista. De posse dos ganhos obtidos nas etapas citadas, será realizada uma análise que busca, então, o *sentido* das vivências para as pessoas (Heidegger, 2005), ou seja, o horizonte de significados dentro do qual se existe.

Deste modo, será possível fazer com que o torcedor de futebol seja estudado de forma cuidadosa, uma vez que o método fenomenológico não se prende a pré-concepções teóricas, nem busca uma classe de respostas específica, mas tem como ponto de partida o fenômeno próprio, neste caso desvelado na fala do entrevistado.

O autor é, ao mesmo tempo, pesquisador e torcedor, e assim criou-se uma oportunidade interessante para o uso do método em questão. Por ser o próprio objeto de pesquisa, o autor pode ir ao encontro do torcedor de futebol numa atitude de abertura peculiar, já que se propôs a compreender pessoas que passam por vivências semelhantes às suas, que compartilham consigo de uma linguagem e uma cultura. Além disso, as perguntas do roteiro puderam ser elaboradas pelo autor de forma precisa, tendo em vista o objetivo inicial das reflexões aqui depositadas. Ainda, o autor pode se colocar no estado de variação imaginativa com facilidade. O paradigma sujeito-objeto fica claramente superado, como proposto pelo princípio de intencionalidade e a atribuição de significados realizada pelos participantes pode ser compreendida de forma profunda.

Não é intenção do autor sugerir que pessoas só possam ser compreendidas por semelhantes. O fato do pesquisador ser também um torcedor possibilitará a captação de

nuances que talvez passassem despercebidas por olhos pouco experientes no assunto. Porém, detalhes que surpreenderiam outros pesquisadores correm o risco de não serem levados em conta por um pesquisador que já está acostumado com determinadas situações. Além disso, a suspensão de valores e conhecimentos prévios se mostra extremamente importante nessa situação, dado o risco de se confundir as vivências do autor com as relatadas pelos entrevistados.

3.2 Roteiro de perguntas

1. Como você se tornou um torcedor de futebol?
2. Como é um dia de jogo para você?
3. Que espaço tem o futebol na sua relação com as pessoas próximas a você?
4. Você exerce influência sobre o seu time?
5. Quais são os sentimentos mais presentes na sua vida de torcedor?
6. Como você vê os torcedores de times rivais?
7. De que forma você explicaria a um leigo como é ser um torcedor de futebol?
8. Qual foi o jogo mais marcante de sua vida?

4 Transcrição das entrevistas

4.1 Entrevista 1

Participante: S. C. S., palmeirense, 30 anos, 80% de presença no estádio.

Como você se tornou um torcedor de futebol?

Ah, acompanho o futebol através do meu pai, através do meu pai, vendo o time jogar, sempre aqui pelo Palmeiras.

O seu pai sempre foi palmeirense?

Sempre foi, a família inteira.

E o que que ele fazia, ele te trazia pro jogo?

Foi a primeira vez, aos 7 anos de idade, que ele me trouxe aqui pro Palestra.

Você lembra desse jogo?

Ah, eu assim, era moleque mas lembro. Um jogo bom. Aqui foi contra o Internacional de Limeira.

Inter de Limeira?

Inter de Limeira.

Paulista?

É, foi Paulista, é. Eu não lembro assim o placar, mas eu lembro do jogo.

Você lembra da sensação que você teve?

Lembro, lembro, lembro, sim. Lembro que na época lá que, quem entregou o ouro foi o Caçapa.

Cachapa?

Caçapa. Jesse Caçapa, é. Médio volante do Palmeiras que entregou o ouro. Eu lembro bem disso aí, sempre ficou gravado na memória, pelo resto da vida.

E qual foi a sensação de estar pela primeira vez no Palestra?

Ah, foi uma sensação assim, que é inexplicável, em palavras não dá pra explicar.

Não dá pra explicar?

Não, não.

Tenta. Deixa eu te desafiar aqui. Eu queria que você tentasse.

Não, não, é uma coisa emocionante, isso aí, porra, não, não, isso aí é uma coisa assim, o cara beijar pela primeira vez uma menina, é inexplicável.

Como é um dia de jogo para você?

Ah, pra falar, um dia de jogo que o meu Palestra ganhe, pra mim, nada é mais importante. Palmeiras pra mim, é minha segunda pele aqui (agarra a camisa do Palmeiras), minha vida.

Sua vida.

Com certeza, largo a família, venho pro Palestra aqui, levar três pontos pra casa.

Não entendi, você larga a família, vem aqui pro Palestra.

Largo a família, venho aqui pro Palestra, levar três pontos pra casa. Ganhou, o pessoal lá em casa compra tudo. Ganhou. Agora se perder aí já...

Dáí?

Porra aí complica, pô. Fico mal humorado, a semana inteira, até quarta feira.

Até chegar o outro jogo.

Até quarta feira, até quarta feira.

Entendi. E como é que começa, como é que você acorda?

Rapaz, eu acordo já com dor de cabeça, bicho. Eu acordo com uma dor de cabeça não quero nem ouvir comentário. Desligo a televisão, meios de comunicações. Fico, fico isolado.

Fica isolado até vir pro jogo?

É, até vir pro jogo, exatamente, é isso mesmo.

E o que é que você deixa de fazer pra vir pro jogo?

Ah, meu, hoje eu deixei de ficar com a minha família, com a minha esposa, com os meus filhos. Deixei de bater uma bola, que eu jogo bola, não fui jogar. Quando o Palmeiras vai jogar, tem jogo no Palestra, pode ter qualquer obrigação que eu venho pro jogo.

Você vem pro jogo.

Eu venho pro jogo.

E daí, a sua semana seguinte depende de como foi o jogo?

Por exemplo, o Palmeiras ganhando hoje aqui, lá em casa conquista tudo, é peixe, é churrascaria, vai conquistar tudo. Agora se perder aí, aí fica difícil.

Que espaço tem o futebol na sua relação com as pessoas próximas a você?

Ah, aí é 70% aí, 70%.

70%?

É, as pessoas que eu convivo diariamente, que eu convivo, o nosso debate é mais o futebol. 30% é aliado ao trabalho. Mas eu já incluo os 70% o esporte futebol, principalmente, e a minha família, que é o que eu, a gente mais discute.

Entendi. E você já fez novos amigos, novos relacionamentos através do futebol?

Ah, com certeza.

Destruiu alguns também?

Já destruí também, já, já.

Já destruiu?

Já.

Você pode me contar uma história dessas?

Ah bicho, vou falar pra você mano, tem colega meu que assim, que era colega assim, mas hoje já não faz mais parte.

Por quê?

Através de futebol que a gente não chega nas coisas. É que ele é do lado oposto né? Aí entramos em conflito assim que, coisas banais, mas, não deveriam ter importância, mas como causou importância grande, deixa pra lá.

Deixa pra lá.

Com certeza. Pra mim é o Palmeiras.

E novos amigos? Você falou.

Ah não, o que eu mais tenho aqui é novos amigos aqui, de Palestra, cada jogo é uma conquista.

Você exerce influência sobre o seu time?

Ah, nem tanto assim também não.

Não?

Não.

Um pouquinho?

Só um pouco. De 1 a 10 é 4,5, 5.

E como é esse pouco que você exerce, através do que?

Ah bicho, eu vou falar pra você hein? Agora você, agora você fez a pergunta difícil hein?

É, mas eu to aqui pra fazer pergunta difícil.

Não, agora você fez uma pergunta difícil. Podemos pular essa daí?

Podemos, podemos. Mas fica um quatro e meio, cinco, o seu nível de influência em relação ao time.

Ah, rapaz, essa influência aí, já, eu vou até, até meu serviço em risco também colocou já, colocou porque, assim, o meu chefe onde eu trabalho, na minha empresa, aí é sempre assim, às vezes nós temos palestra, é mensalmente né, aí às vezes como eu não tenho papo na língua, às vezes eu entro em conflito com o cara né, aí às vezes ele, não depois a gente conversa aí, mas já colocou em risco também, colocou, quinta feira agora nós tivemos conflito, eu já falei um monte também, não, depois a gente conversa aí.

Se você pudesse fazer alguma coisa para modificar o Palmeiras, o Palestra, o que você faria?

Rapaz, aqui tem que modificar muita coisa pô, essas coisas aqui tudo errado aqui, pô.

Tipo o que?

O torcedor, diariamente, porque eu sou um cara assim, diário, não consigo comprar ingresso de jogos importantes, tenho que comprar na mão do cambista, porque que eu não consigo? Porque eu trabalho, não tenho tempo de vir aqui, os ingressos fica tudo nas mãos dos cambistas. Aí eu sou obrigado, eu pago mais caro como eu gosto do meu time, eu pago mais caro, eu tô arriscando o ingresso é falso, como o Palmeiras e Atlético Mineiro aquele 3x1 o nosso colega pagou 100 paus no ingresso, o ingresso era falso.

Putá.

Não, não sei quanto o cara ganha, pra mim não interessa, mas pô, nesse país que nós vivemos em crise, 100 reais é muita coisa, né?

É demais.

Pô, o cara pagou 100 conto, pô.

E por um ingresso falso, né?

E o que o cara gastou o que, o que nós gastou, o que nós gasta aqui é, Palmeiras e Guarani gastei 200 paus aqui pô, gastei 200 paus pô. É, nós vem aqui, nós almoça, vamos beber cerveja e chega, quem chegar bebe.

E daí vai comemorar depois...

É, vai comemorar foi 200 conto, pô. Acho que as coisas tão erradas, pô. Um jogo que nem esse hoje.

Palmeiras versus Barueri.

Deveria tá liberado a dez conto, quinze conto, que ia arrecadar mais, né?

Quanto é que tá o ingresso?

Trinta conto. Não vai dar ninguém.

Pesado né?

Pesado. E o percurso que você faz, você vai ficar longe da sua família, vai sair de casa 11:30 para o meio-dia. Almoçamos, tomamos uma cerveja, só depende do jogo a hora que eu vou chegar em casa hoje, se Deus quiser.

Quais são os sentimentos mais presentes na sua vida de torcedor?

Ahá, bicho, vou falar pra você hein, sentimento, pra mim, foi o de domingo, bicho.

Qual foi o sentimento de domingo?

Ali foi mais é uma sacanagem aí pô. Foi do Luxa. Não gostei não, domingo eu não gostei não.

Não gostou.

Luxemburgo foi um cara extremamente covarde, covarde.

Eu tô sentindo que é um sentimento de revolta?

Com certeza.

É um sentimento muito presente na vida do torcedor?

Ah é diário isso aí né meu. O nosso sentimento ele muda a cada, de três em três dias. Por exemplo, hoje é sábado, o Palmeiras ganha, tal, mil maravilhas, tem a semana inteira feliz. Chega a quarta feira, o seu time chega a perder, você já muda totalmente, vai ter que esperar três dias de novo. Nosso dia a dia assim é muito rotatório.

É muito rotatório.

É ou não é?

É totalmente rotatório.

Agora vamo lá pro jogo, vamo lá.

Adorei. Posso ir andando com você que tem mais três perguntas aqui?

Porra, caramba hein?

Eu vou andando com você.

Mas eu vou andar hein?

Tá bom.

Como você vê os torcedores de times rivais?

Ah, todos iguais, todos iguais. Eu não vou querer ser melhor do que ninguém, que nem você né? Não tem nem como. Vou entrar pela Matarazzo. Não sou melhor nem melhor né? Sou apenas diferente.

De que forma você explicaria a um leigo como é ser um torcedor de futebol?

Que não se envolva. Entendi sua pergunta. Não se envolva.

Não se envolva?

Não se envolva.

Por que não?

Depois que você se envolve, dificilmente você vai sair fora. Não consegue.

Não consegue sair?

Não, não, não consegue. É a mesma coisa que você tomar o primeiro copo de cerveja. Eu aconselho quem nunca bebeu a não beber.

Porque uma vez que você bebe...

É, você acaba, vira um hobby né, você bebe uma vez pra almoçar, pra jantar, pra bater um papo, e acaba consumindo o além, né?

Tá certo. Mas você conseguiria explicar como é a sua vida para um cara desses, que não entende de nada?

Ah, com certeza!

Como é que você explicaria?

Eu explico assim o seguinte, eu acompanho né, eu sou um cara que eu tô constantemente assistindo televisão, escutando no rádio, tudo. Eu tô por dentro. Mas o cara que vai no embalo do jogo, não sabe nem quem é o zé do time dele, tudo, daí acaba entrando no embalo, daí ele acaba se envolvendo de maria-vai-com-as-outras. Eu acompanho, mas eu vejo uns caras que vai lá, compra a camisa, sem vergonhice, pô, ah, por exemplo, lá onde eu moro, tem uns caras lá que nem fica sabendo de futebol e vai dar uma camisa do Ronaldo pô, um cara desses é um cara que não entende porra nenhuma de futebol pô, cara chama-se maria-vai-com-as-outras.

Maria-vai-com-as-outras.

Com certeza, essa cara aí também é um bobão. Esse daí chama-se João da estrada. Ah lógico, eu acompanho desde moleque, pô. Eu e meu irmão aqui pô, o Ratos de Porão aqui pô.

Qual foi o jogo mais marcante de sua vida?

Ah, foi 1993, Palmeiras e Vitória no Morumbi, cento e seis mil pessoas.

Palmeiras e Vitória?

Palmeiras e Vitória.

Porque foi o jogo mais marcante da sua vida?

Ah, ele tava, o campeonato brasileiro aí pô, tava tirando uma fila da porra aí.

Mas foi pela tirada de fila?

Ah, pela tirada de fila e pelo elenco que nós tinha, pô, o time ali jogava com amor, com vibração. O time passava aquela harmonia pra gente.

Entendi, entendi. Você acha que pra marcar...

Inexplicável, inexplicável.

O jogo tem que ser inexplicável, tem que ser uma grande vitória.

Pô, nós vinha de uma fila ali rapaz, 17 anos pô, inexplicável aí pô. O Palmeiras daquela época lá, Parmalat gastava sacos de dinheiro aí para tirar o Palmeiras da fila, tinha uma seleção na época. Foi esse jogo aí, jogo inexplicável.

4.2 Entrevista 2

Participante: R. M., santista, 21 anos, 50% de presença no estádio.

Como você se tornou um torcedor de futebol?

Pelo meu pai. Incentivo do meu pai e simpatizei bastante pelo clube, gosto bastante do Santos.

Teu pai sempre foi santista?

Sempre. Eu cresci vendo ele torcendo pelo Santos e a tendência é a gente acompanhar.

E o que ele fazia, te trazia para os jogos?

Ah, frequentava jogos e em casa sempre que tinha jogo do Santos ele sempre fazia uma brincadeira, fazia um churrasco, alguma coisa desse tipo, reunia uns colegas dele pra estarem acompanhando os jogos.

Entendi, então sempre tinha um evento.

Sempre tinha, sempre tinha uma comemoraçãozinha assim, pra acompanhar o jogo.

Legal, legal. Você lembra o primeiro jogo que você veio pro estádio?

Pô, não lembro. 7 ou 8 anos, mas não me recordo agora.

Qual é a primeira memória de estádio que você tem, a mais antiga?

O cara que trocava a plaquinha do gol, que naquela época o placar aqui na Vila era um rapaz que ficava lá e subia a escadinha pra trocar que não tinha placar eletrônico. A primeira memória que me vem é essa.

Você lembra mais ou menos quantos anos você tinha?

É, nessa faixa aí.

Devia ser essa época. Você lembra do cara que trocava a plaquinha. O que você pensava quando você olhava pra esse cara?

Não, nada demais. Achava estranho né, porque a maioria dos estádios já eram tudo placar eletrônico e na Vila ainda não tinha e o rapaz, todo gol que acontecia no jogo ele subia lá pra trocar a placa. Estranho, eu achava estranho.

Como é um dia de jogo para você?

Pô, é um dia meio eufórico, eu fico meio ansioso cara, enquanto não chega a hora, enquanto eu não entrar no estádio e não ver o jogo começar eu fico bem ansioso. Bastante assim.

Você acorda ansioso?

Eu fico meio eufórico, o dia inteiro. Enquanto eu não sair do trabalho pra poder ir pro jogo, ou no final de semana chegar a hora do jogo pra eu vir pra cá, encontrar com os amigos pra ver, eu fico meio ansioso, meio tenso.

Tenso?

Tenso, tenso. Ansioso né, fico bem ansioso pelo jogo.

E você relaxa quando chega aqui fora, toma uma cervejinha (o torcedor estava com um copo de cerveja na mão).

Dá mais uma acalmada, mas na hora que o jogo começa é onde que, que eu fico mais, já fico mais prestando atenção no jogo e aquela ansiedade fica um pouquinho de lado né?

E ela vira o que?

Daí ela vira o sentimento de comemorar gol, né?

Comemorar gol.

É.

E se não sair gol?

Aí rola uma frustração né? Normal, rola uma frustração porque o ápice do futebol é o gol, né velho? Um jogo que não tem gol não tem graça.

Como é que é você passar pelos portões aí depois de toda essa ansiedade durante o dia e ver o seu campo, o seu estádio?

Fantástico. Eu quando entro na Vila Belmiro eu fico emocionado, gosto pra, eu gosto muito muito de ver a Vila Belmiro.

Gosta pra caralho, pode falar, não tem problema.

Gosto pra caralho mesmo.

E quando você sai do jogo?

Eu gosto e procuro sair bastante feliz com o meu time vitorioso, mas quando não acontece fico meio triste só, mas normal, nada como um jogo após o outro pra gente superar essa, no caso de uma tristeza né, mas eu saio bem contente, paro pra tomar uma cervejinha pra comemorar de novo.

O que você deixa de fazer pra estar aqui?

Hoje a minha esposa tá de folga com a minha filha, eu deixei ela em casa pra poder vir no jogo. É a única folga dela na semana e eu deixei ela em casa pra poder vir pro jogo.

Que espaço tem o futebol na sua relação com as pessoas próximas a você?

Que espaço? Ah, aquele momento de conversa né, de descontração, eu considero uma parte de descontração assim, de estar discutindo com os amigos e tal, mais descontração mesmo, pra relaxar, fica nessa faixa assim.

Você já fez amigos aqui dentro?

Vários, vários.

Então o espaço favorece a criação de novas amizades.

Com certeza.

Já perdeu amigos por causa do futebol?

Não cara, não porque apesar de gostar muito do meu time, ser meio cego por ele, eu sou um esportista, então dificilmente você vai me ver brigando por causa de futebol, ou discutindo com um amigo, perder um amigo por causa disso.

O que você quer dizer com “meio cego por ele”?

Ah, pra mim é Santos acima de tudo cara. Tipo, se você torcer por outro time e quiser debater comigo, eu vou sempre achar que você tá errado e vou ser sempre a favor do meu time. Cego pra mim é isso.

Entendi. Então é uma coisa que tá sempre além do bem e do mal, do certo e do errado.

Tá, Santos pra mim é sempre Santos.

Santos é Santos, Santos é certo.

Isso.

Você exerce influência sobre o seu time?

Não.

Não?

Acho que não. Influência na hora de torcer. Eu considero que eu tô influenciando tipo na parte do incentivo, de tá gritando, de tá torcendo junto com a galera, fazendo aquele coro pra empurrar o time pra frente. O tipo de influência que eu acredito ter pelo meu time é isso, de dar força pro meu time poder avançar.

Você gostaria de influenciar de alguma outra forma?

Ah sim, cara, eu gostaria de fazer parte de um conselho, alguma coisa desse tipo assim, mais pra frente.

Conselho do clube?

Pode ser.

Uma coisa mais política assim?

Uma política pra poder estar opinando e coisas desse tipo.

Entendi. E você conseguiria o que com isso?

Ah, sei lá, eu me sentiria mais útil ao clube.

Num sentido de doação?

É, e tipo eu me acharia competente a estar representando até outras pessoas que não tem esse tipo de acesso e no dia-a-dia a gente debatendo com os outros torcedores a gente acaba enxergando o que tá errado, o que não tá legal, pra gente tentar estar mudando isso, mais como representante dos amigos torcedores que acabam não podendo ter essa voz de conselheiro, essa força.

Quais são os sentimentos mais presentes na sua vida de torcedor?

Em relação ao clube?

Na vida do torcedor, quais são os sentimentos mais presentes?

Ah, são vários, difícil de determinar. Emoção, vibração, euforia, cara é uma coisa, e frustração acontece também.

Frustração.

Tem a frustração, quando o time perde a gente acaba ficando frustrado. Mas a euforia, a vibração de estar torcendo, de estar querendo que o time vença o jogo, vença sempre um campeonato ou coisa desse tipo supera tudo, supera tudo.

Supera inclusive a frustração?

Com certeza, com a vitória supera.

Então dá pra ficar muito tempo frustrado porque se tiver um momento de euforia depois...

Com certeza, como aconteceu. A gente ficou 18 anos na fila aí e veio um campeonato em cima de um arqui-rival da gente e nunca foi bom esperar tanto tempo cara, nunca foi tão bom esperar um título como foi ganhar aquele em cima do Corinthians em 2002.

Com certeza, ainda mais com pedalada, né?

Porra, fantástico!

Como você vê os torcedores de times rivais?

É complicado falar né meu, porque a gente julga bastante as atitudes das outras torcidas e como exemplo no outro jogo que acabou a própria torcida do Santos entrando em confronto com os policiais lá, a gente olha o rabo dos outros e acaba esquecendo um pouco o nosso. Então eu prefiro não julgar muito as torcidas adversárias porque na verdade todas as torcidas acabam agindo da mesma maneira, né?

Então você poderia dizer que são iguais?

Sim, todas. Citando as torcidas organizadas né? Porque tem a parte da família que, como tem em toda torcida a parte de família e a parte organizada, né? Então não são iguais, são idênticas.

Tanto as organizadas quanto as não-organizadas?

Exato. O pessoal que é família de todos os clubes vão ali pra curtir o futebol, pra ficar ali com a sua família, o pessoal de organizada já é uma torcida mais agitada e tal, também vai e às vezes rola uma confusão e tudo, então acho que acaba ocorrendo igual.

De que forma você explicaria a um leigo como é ser um torcedor de futebol?

Ser santista.

Ser santista?

Ser santista.

Mas como é que você explicaria para um cara que não entende nada de futebol, um americano parou aqui, não sabe o que acontece, você quer explicar pra ele como é ser um torcedor de futebol.

Ah, eu acho que futebol você não explica, você vive, né cara, eu traria ele no estádio, pra sentir o jogo, sentir a vibração da torcida, eu tenho certeza que com a presença dele no estádio ali eu estaria explicando muito mais do que se eu ficasse falando duas, três horas, se eu tivesse tendo duas, três horas de conversa com ele.

Então você acha que eu não vou conseguir explicar no meu trabalho como é ser um torcedor de futebol?

É a realidade, porque o futebol é bastante emoção cara, você chega no estádio, eu tô aqui conversando com você agora, eu entro lá dentro, você dificilmente vai me ver como aqui, você vai me ver pulando, vai me ver incentivando meu time, então, presenciando o futebol é totalmente diferente.

Você acha que uma pessoa leiga, lá dentro, consegue sentir o mesmo que você que é mais experiente?

Ah, se ela estiver no meio da torcida sim e se tiver do meu lado principalmente, porque eu vou sacudir ela um bocado.

Qual foi o jogo mais marcante de sua vida?

O título em cima do Corinthians foi bastante expressivo, por estar tanto tempo sem ganhar nenhum título, mas o jogo da Libertadores Santos e Grêmio aqui na Vila que o Santos ganhou de 3 a 1 e acabou não se classificando pra semifinal foi um jogo que eu nunca tinha visto a Vila Belmiro daquela maneira.

Como é que tava?

Fantástica.

Fantástica?

Fantástica mano.

Por quê?

Lotada, a torcida toda apoiando, acabou o jogo a torcida aplaudindo, gritando o nome do time.

Apesar de não ter classificado?

Apesar de não ter classificado, porque a torcida viu que, até arrepio, cara.

Eu também.

A torcida viu que o time lutou até o final. O lance que o cara chutou a bola, o Domingos tirou de cabeça, caiu tonto no chão, o árbitro queria paralisar o jogo pra ele ser atendido, ele se levantou, se segurou no companheiro e falando, não lembro quem era o companheiro, não, não vai paralisar não, vamos pro jogo, aquilo ali, aquele jogo foi fantástico, não tem explicação, foi fantástico, fantástico.

4.3 Entrevista 3

Participante: R. S. M., lusitano, 20 anos, 50% de presença no estádio.

Como você se tornou um torcedor de futebol?

Então, a minha família é portuguesa e desde pequeno meu pai vinha ao estádio, me trazia, então é de descendência mesmo, portuguesa, então a Portuguesa desde pequeno faz parte da minha vida.

Mas você diz a descendência portuguesa em relação ao clube ou à nacionalidade?

Portuguesa mesmo, à nacionalidade, e aí foi, caiu pra Portuguesa mesmo.

Entendi. E você acha que tem muito a ver a descendência da nacionalidade com o clube?

Eu acho que tem para aquela família que é fanática mesmo, a família que é levada à risca, meu pai, por exemplo, sempre gostou de futebol, vinha aos estádios, então eu como filho de portugueses... Então sempre, faz parte, eu gosto assim do time também, não vira aquela coisa muito monótona né, São Paulo, Corinthians, a Portuguesa é diferente.

No que que a Portuguesa é diferente?

Que é um time que você vê, não tem uma torcida tão grande como Corinthians, São Paulo, Palmeiras, até Santos mesmo, que o pessoal não é do litoral mas acaba torcendo, e a Portuguesa é aquele time diferente né, que nem a frase da Lusa diz mesmo: “Nem melhor nem pior, apenas diferente”.

Apenas diferente.

Apenas diferente.

Mas a diferença no tamanho da torcida, você tá falando, mas essa torcida menor, o que ela traz de positivo?

Então, a torcida menor ela é mais unida, a Portuguesa você vê que tem todas as idades aqui, tem jovens, tem filhos que começam, tem bastante senhor de idade aqui, que é o torcedor fiel mesmo que vem sempre, então isso que é o legal da Portuguesa, a torcida é bem unida, não é muito grande mas é unida, quando o time precisa tá lá pra ajudar, mesmo nos momentos difíceis.

Legal. Voltando, você disse que o seu pai te trazia quando você era criança. Você lembra do seu primeiro jogo?

Acho que era Portuguesa e Palmeiras, se não me engano, eu era muito moleque, mas acho que foi Portuguesa e Palmeiras. A gente ia muito em clássico, não tinha aquela coisa de violência que tem hoje em dia no estádio, então a gente ia bastante em clássico, Palmeiras, São Paulo. Até contra o Santos, eu me lembro, na época que tinha o Robert, o Deivid, fui eu e meu pai na Vila Belmiro, só tinha eu, o meu pai e mais dois torcedores da Portuguesa. Quatro pessoas e a Vila lotada assim.

E isso você era moleque?

Moleque. Eu tinha onze anos na época.

(Somos interrompidos por um senhor que reclama da organização do campeonato)

Então com certeza tem personagens aqui também né?

Tem, isso aqui é, a gente tá acostumado já.

Você estava falando que ia muito pra clássicos, quando era pequeno, né?

Então, não tinha aquele problema da violência né, agora nem se fala você ir num Portuguesa e Corinthians, Portuguesa e São Paulo é complicado. Eu lembro que o último jogo

que a gente foi em clássico eu e meu pai foi Portuguesa e São Paulo aqui no Canindé, o São Paulo ganhou de 2x0. Foi pelo Paulistão. Mas os caras quebraram as cadeiras, tacavam saco com aquelas coisas, puta meu, foi assim, daí meu pai cancelou, não vem mais em clássico, agora eu venho sozinho ou trago meus amigos, mas é complicado.

Como é um dia de jogo para você?

Ah, um dia de jogo começa já no pós né, no ante e no pós, o dia inteiro já de concentração aí. Pô, a gente vem na alegria meu, come, toma aquela cervejinha, coloca o bandeirão no carro, coloca a camiseta, vem na alegria, depois no pós-jogo é a comemoração, mesmo se perdeu a gente fica questionando, aonde perdeu, começa aquela discussão. Mas é um dia, meu, é um dia legal, puta, dia de jogo é aquela ansiedade de ver o seu time, principalmente em fases finais de campeonato, é aquela expectativa total.

Você falou de uma ansiedade que vem provavelmente desde o começo do dia até a hora do jogo. Como é a hora do jogo? Entrar no estádio, ver o campo, a torcida.

Então, você começa entrando no estádio, você nem conhece o pessoal, mas já vai falando, vai se enturmando, já vai “vamo ganhar, vamo ganhar”, aquela energia positiva, já passando a corrente já, o pessoal sempre alegre, você vê bastante família, mulher, isso é que é legal também da Portuguesa, os filhos já começam desde pequenos já sendo incentivados a torcer. Na hora do jogo aquela vibração total, total, e empurrar, empurrar sempre o time pra ganhar.

O que você deixa de fazer para vir pro estádio?

Ah, deixo de ficar com a namorada, a namorada é são-paulina então não tem como, abro mão de tudo, abro mão do futebol com amigos, abro mão do jogo da seleção, mas vale tudo pela Lusa, Lusa sempre na cabeça.

E como é o dia seguinte?

Se ganhar é uma maravilha, tirar sarro do santista, tirar sarro de todo mundo, se perder é ficar quieto, baixar a cabeça, trabalhar e esperar o próximo jogo.

Que espaço tem o futebol na sua relação com as pessoas próximas a você?

Ah, total, futebol pra mim é tudo, é tiração de sarro, é zoação total, é incentivo, tirar onda mesmo, e eu sou o único dos meus amigos que torce pra Portuguesa, então o pessoal cai em cima, quando ganha fala que ganhou por sorte, a gente tira sarro, discute, mas é aquela animação, futebol pra mim tem que estar em todos os momentos e todas as horas.

Você criou novos amigos vindo pro estádio, através da Portuguesa?

Tenho, tenho bastante amigo, no restaurante que eu almoço todo dia o cara é português fanático, fanático, a gente discute todo dia, inclusive deve estar aí, até daqui a pouco eu vou achar, mas amigos assim, eu não tinha nenhum porque eu sou o único da portuguesa, e aquela coisa meu, puta, Portuguesa é sempre assim, não tenho vergonha jamais do meu time, todo mundo fala “pô, você é o primeiro que eu conheço”, é aquela história, “você é o único”, mas meu, nunca cara, vergonha nunca do meu time, mesmo na Série B agora, altos e baixos, quem nunca caiu, é assim mesmo. Ocupa um espaço enorme, com amigos, namorada, ouço rádio mesmo no dia de jogo, tô nem aí se gosta ou não gosta, a gente se vê depois, é futebol, não tem essa não.

Você exerce influência sobre o seu time?

Ah, não exerço influência, eu sou um torcedor a mais, um torcedor a mais, tâmo no tempo ruim, tâmo aí junto, tâmo lá embaixo a gente tá junto, eu moro longe pra caramba daqui, não tem problema, vamo aí, incentivar, mas é essa a influência, é um a mais e quanto mais, melhor, é aquela coisa, quanto mais torcedor melhor pra ajudar. É o que os jogadores falam meu, quem é da Lusa mesmo nessa hora tem que vir ajudar.

E você gostaria de exercer algum tipo de influência?

Ah, eu não gostaria de exercer aquela coisa de torcida organizada assim, eu admiro, mas torcida organizada tem muita parte de violência, mesmo que seja pequena, tem aquela parte, parece que o pessoal gosta de ajuntar, de atçar, de provocar o adversário, mesmo quando tem o adversário que a torcida é menor, então começa aquela pressão, pra mim não

cara, eu admiro muito, gosto da bateria, mas a parte de violência eu já não faria parte, nesse caso de exercer né, a influência da torcida, porque eu acredito que a influência na torcida um caso maior assim de influência seria mais a torcida organizada, de ir pra todos os jogos, é caravana, tudo, isso eu admiro muito, mas fazer parte, no momento que tá o futebol assim não.

E aí dentro, dentro do clube?

Ah, dentro do clube, quando você tá dentro do clube é outra coisa cara, você exerce total influência, você reúne lá, tirando a parte da violência, quando você tá no jogo, meu aí são noventa minutos, noventa minutos meu, de pressão total. Aí exerce sim, com certeza.

Quais são os sentimentos mais presentes na sua vida de torcedor?

Em relação ao futebol?

Na sua vida de torcedor, quais são os sentimentos mais presentes?

Alegria, auto-estima, puta meu, vontade, vontade de vir cada vez mais, incentivar o pessoal, positividade, energia mesmo cara, energia.

E você leva esses sentimentos para outras áreas da sua vida?

Com certeza, levo. Trabalho, namoro, amigos, descontração. A partir da Portuguesa sim.

E quando a Portuguesa vai mal, perde, como é que ficam esses sentimentos?

Putá, então cara, Portuguesa é complicado. Quando vai mal é aquela coisa né, o pessoal cai em cima, é chato, porque você vê seu time... Portuguesa na época era um time muito grande, na época do Denner, Zé Roberto, era a época de glória. A Portuguesa era Palmeiras, Corinthians, Portuguesa era muito grande cara, então não tinha motivo. Hoje caiu muito assim, então fica realmente aquela coisa chata, aquela coisa né, puta, auto-estima chata,

perdeu, não tem uma sequência boa, tá na série B, não tá entre os grandes, na série A, mas é aquela coisa meu, nunca vou deixar de ser, torcer sempre, o normal.

Como você vê os torcedores de times rivais?

Vejo muito pela parte da violência cara, Corinthians, São Paulo, Palmeiras, o pessoal preza muito pela violência hoje em dia, muita rixa. Eu acho que futebol se resolve em campo, não fora, na arquibancada. Teve aquele jogo lá, entre Corinthians e São Paulo que teve o maior quebra-pau depois do jogo, é inútil cara, desnecessário isso, o pessoal tem que se unir, é tão legal quando você vê na imagem da TV que passa torcedor junto, São Paulo e Palmeiras juntos, pô isso que é legal cara. O futebol é uma coisa nossa, inclusive aqui no Brasil, é uma coisa que dá mais audiência é o futebol, melhor do mundo, o futebol de seleção brasileira, então não devia ser essa coisa de violência. É isso que eu acho.

E você vê isso como diferente em relação à torcida da Portuguesa?

É difícil comparar um Corinthians com uma Portuguesa, um São Paulo por causa de torcida, em números, quantidade, mas eu vejo assim, Portuguesa não cara, eu acho que a Portuguesa é um time muito, inclusive assim, paulistano em geral, muito paulista tem a Portuguesa como segundo time mesmo, todo mundo que você for ver gosta da Portuguesa, é um time querido, a gente vindo pra cá no caminho, pegando a marginal inteira, quantas vezes a gente não ouviu buzina, o pessoal comentando, não é Portuguesa, mas comenta isso aí, a gente com a bandeira no carro, o pessoal “É, isso aí, Lusa”, tal, é o time que tem consideração, tem prestígio com o torcedor, e é legal isso, você identifica isso. Acho que a Portuguesa não é um time de violência não, não compararia meu time com um grande. Nesse aspecto.

Em que aspecto você compararia?

Realmente o do passado. O Santos fala “Pô, o Pelé foi o maior do mundo”, na época do Santos, eu considero então, se for assim, o Denner lá da Portuguesa, a Portuguesa na fase de glória então se for assim. Isso também é relativo, o pessoal, cada torcedor defende seu time, argumenta positivamente. Mas eu considero a Portuguesa um grande time assim, com certeza.

De que forma você explicaria a um leigo como é ser um torcedor de futebol?

Prum leigo? É difícil explicar, você teria que convencer ele, levá-lo ao estádio pra ele ver a energia, puta, como é gostoso torcer prum time, você xingar, comemorar um gol, um passe bonito, um drible.

Porque é difícil explicar?

Ah porque é difícil, falar tal, e daí fica aquela coisa. É a mesma coisa que você apresentar um prato e a pessoa não saborear. A pessoa fica na expectativa, é difícil você falar de futebol e não levar a pessoa pra assistir. Não tem nada de outro mundo, explicaria tal, mas o gostoso é a pessoa estar lá no momento né, curtir aquela vibração, aquela corrente, isso é que é legal.

Qual foi o jogo mais marcante de sua vida?

Mais marcante? Depende, tem dois. Na TV, foi a final do Grêmio, nos pênaltis, foi o título que foi dividido, inclusive aquela polêmica toda, em 96, deu aquela confusão, bateram os pênaltis, o juiz errou na contagem, daí a Portuguesa foi malandra e foi mais cedo para o vestiário, o pessoal tava lá e levantou o caneco, então foi engraçado, esse foi um título bem marcante, cara, 96, mas eu era moleque, porque pô, foi o primeiro título que eu presenciei da Portuguesa mesmo, da série A, então foi um título bem marcante. Agora outro, que eu presenciei no estádio mesmo foi, puta, foram vários assim, um que foi o mais marcante, pra mim assim, foi o da Portuguesa e Santos, na Vila Belmiro, aquele que eu até comentei no início com você. Foi um jogo que a gente perdeu, que era o Deivid, Robert, a gente tomou um sabugo legal, 4x0, mas foi o jogo assim mais emocionante porque, porque meu, foi uma aventura cara. Foi eu e o meu pai no estádio, então já começou que a gente não conhecia muito Santos, então nós pegamos um ônibus que o pessoal indicou e quando entrou no ônibus meu, era eu e meu pai e uma torcida lotada de santista com camiseta. Eu e meu pai, ele me pediu pra eu não ir com a camisa da Portuguesa, só o que acontece, meu pai tava com uma pólo vermelha, então meu, era uma pólo vermelha e a gente com aquela cara, e todo mundo alvinegro cara, Portuguesa e Santos. O pessoal já nem mexeu porque eu era moleque, era pai e filho, o pessoal não mexeu, mas o pessoal começa a tirar sarro, “É, o Santos tá virado no

siri”, o pessoal começa a tirar sarro. E puta, a gente desceu na Vila cara, num ponto que só tinha santista, pra comprar ingresso só tinha eu e meu pai da Portuguesa, uns policia escoltando, foi uma aventura que meu, aquela eu não esqueço nunca, eu espero contar pra todo mundo sempre. Foi um jogo emocionante cara, e só tinha eu e meu pai e mais dois caras sem camiseta também na parte da Lusa e a Vila lotada, lotada até o chão, o pessoal estrondoso. A gente perdeu, perdeu, mas foi um jogo assim cara, que eu nunca vou esquecer na vida por emoção assim mesmo, de estar eu e meu pai, e mais dois que acho que deviam ser da comissão técnica lá, contra o Santos, dia de semana, foi um jogo, mesmo que a gente tenha perdido, mas foi um jogo que eu nunca vou esquecer.

Foi marcante porque vocês estavam representando o time de vocês contra tudo, né?

Contra tudo. Tinha no mínimo, no mínimo, 12 mil torcedores, no mínimo, então você imagina, 12 mil contra 2. Então meu, foi um jogo marcante, com certeza foi o mais marcante que eu presenciei, tava lá e posso falar.

Mas parece que foi mais marcante por tudo o que aconteceu do que pelo jogo em si.

Com certeza, porque pelo jogo a gente perdeu, tomou uma derrota que, 4x0, com certeza. Mas voltar pra São Paulo, no mesmo dia, e saber que eu fui no jogo, por mais que perdeu, puta, eu conto até hoje, pra todo mundo eu faço questão de contar que eu tava na Vila, naquele jogo. Eu não lembro o ano, mas eu era moleque e sei que a gente tomou de 4x0, na época do Deivid, do Robert, que o Santos era um puta time considerável.

4.4 Entrevista 4

Participante: L. L. T. A., corinthiano, 21 anos, 50% de presença no estádio.

Como você se tornou um torcedor de futebol?

É inegável que o meu pai teve uma influência nisso. De qualquer forma, pensando hoje, eu não veria motivo para torcer para outro time que não o Corinthians, nem propriamente pelos títulos, mas por aquelas peculiaridades que só o Corinthians tem. Como ser o time do povo, como ter invadido o Maracanã e dividido com o Fluminense naquela semifinal, essas coisas inexplicáveis que só o Corinthians consegue.

Entendi, então você acha que o seu pai te iniciou, só que você se mantém torcedor pelo único que o Corinthians tem que é esse inexplicável.

É. O que me fez vestir a camisa do Corinthians foi o meu pai, mas o que me manteve com ela no corpo foi o Corinthians.

E o que o seu pai fez para vestir a camisa em você?

Ah, desde pequeno ele compra camisas, diz que o filho é corinthiano, mas ele não teve que se esforçar muito não. Sempre gostei de futebol também, sempre, até jogando futebol o meu estilo era mais voltado à raça, garra, que são marcas do Corinthians.

Entendi. Então já era uma identificação.

Natural.

Você lembra qual foi o primeiro jogo que você veio ao estádio?

O primeiro jogo foi Corinthians e Mogi Mirim, no Morumbi, quando eu tinha uns sete anos, no Campeonato Paulista.

Como foi o jogo?

Ah, o Corinthians tava perdendo, nos últimos cinco ou dez minutos teve um pênalti, o Souza, um meio-esquerda que posicionou pra bater, ele chutou, a bola bateu na trave, bateu nas costas do goleiro e entrou. Então foi um empate com gosto de goleada.

Entendi. E esse bater na trave, bater nas costas do goleiro e entrar...

É o Corinthians. É você conseguir a vitória, no caso o empate, mas é necessário esse período de sofrimento pra conseguir, não vem nada de graça, a gente tem que correr atrás.

E apesar desse sofrimento, você continua usando a camisa do clube.

Esse sofrimento, sofrimento é o termo que nós usamos, mas não é propriamente um sofrimento, um masoquismo, é aquela questão até bem comum ao brasileiro, que é suar a camisa pra conseguir o seu dinheiro, eu acho que tem um pouco essa relação também. Tem que sofrer para se fazer merecedor daquilo.

Você consegue lembrar da sensação de ver o Corinthians no estádio pela primeira vez?

A sensação foi muito pautada também pela torcida, da gente sentir aquela coisa além do time que é a torcida. Até outro dia eu tava vendo uma entrevista do Mano Menezes dizendo que se o Corinthians realmente tem um dono o dono é a torcida, que é ela que está em todos os momentos, que não vê dificuldades, que tá no jogo, independente de tudo.

Como é um dia de jogo para você?

Ah, o dia de jogo começa a partir do momento que termina o jogo anterior. Você já começa a especular sobre o cara que tomou o terceiro cartão e não vai mais jogar, o cara que foi substituído, que tava machucado, o jogo começa a partir do momento que termina o outro. E daí rola a parte até mais prazerosa do futebol, que é aquele debate com os amigos, qual vai ser o resultado do próximo jogo, é um jogo que no final das contas não tem fim.

Porque no momento em que um tá terminando já está começando o outro.

Exatamente. E tudo faz parte, não são só os noventa minutos. Tem todo o entorno, toda a especulação que o jogo causa.

Como é que você está se sentindo quando você está chegando no estádio para ver o jogo?

É o momento em que a ansiedade se faz mais presente, que o coração começa a dar aquela acelerada a mais e você começa a sonhar realmente com o que vai acontecer. Quem vai fazer os gols, sempre começa a fazer palpite, nem que seja para você próprio. E é aquela ansiedade que termina no apito inicial.

A ansiedade terminou no apito inicial, o que substitui ela?

Quando começa o jogo, não sei. Os 90 minutos anteriores ao início do jogo parecem 280 minutos. Os 90 minutos do jogo parecem 9 minutos, de tão intenso, de tão prazeroso que é ver o seu time jogar. É como se você estivesse em um encontro com a sua namorada, no momento do jogo corresponderia a um momento de amor com ela, a um momento mais intenso da relação.

A transa?

Pode fazer essa leitura também.

O que você deixa de fazer para estar aqui no estádio?

Deixo de ir às minhas aulas de antropologia. Mas já levei muito desaforo da minha namorada por ter preterido ela em relação ao Corinthians. São essas coisas, faltar no trabalho, faltar na faculdade, é aquele impulso que te devora.

Você cancela tudo?

É, às vezes tem que intermediar, mas na maioria das vezes é inevitável.

Se o jogo começa dias antes, quando é que ele termina?

Desde criança, eu só consigo absorver, digerir o jogo anterior, quando eu pego o jornal pela manhã, tomo café lendo a página de esportes, vendo todo o relatório que eu já sei de cor, as análises do jogo, as estatísticas, é aí que eu consigo digerir realmente.

E daí termina esse jogo.

Termina e ao mesmo tempo inicia o próximo.

O resultado do jogo te influencia nesse dia seguinte?

Influencia. Às vezes nem tanto, por exemplo, se o Corinthians já está classificado e tem uma derrota, é indiferente. Nem tanto, até eu acabo me gabando disso, tem aquele argumento. Mas quando falta esse argumento que é o problema, você começa a pensar nos palmeirenses chatos do trampo, nos são-paulinos da faculdade, já esperando todo aquele discurso e acaba, mesmo que inconscientemente, influenciando no seu humor, no modo como você leva o dia.

Que espaço tem o futebol na sua relação com as pessoas próximas a você?

Com o meu pai tem uma relação muito íntima, porque além de ter sido ele que me iniciou, ele é tão apaixonado quanto eu. No trabalho, acaba virando rotineiro, assunto sobre o futebol, no elevador, no próprio escritório, no fumódromo, então tem essa relação diária constante. E na faculdade idem né, tem aquelas pessoas com quem você conversa sobre as matérias, a grade, etc., e tem o pessoal do futebol, sempre.

E você acha que o futebol é um espaço para o desenvolvimento de novos relacionamentos, novas amizades, assim como a destruição de algumas?

Sem dúvida. Mas assim como o futebol, qualquer paixão que você tenha vai te levar ao encontro de pessoas que tem paixão semelhante, então não é um ponto diferencial, mas

você acaba convivendo com pessoas que tem paixões semelhantes e inevitavelmente tem um relacionamento.

Você exerce influência sobre o seu time?

Acho que, é, a influência que eu exerço é das arquibancadas né, vibrando, cantando o hino, etc., as canções, e acho que no papo do dia a dia mesmo, você inevitavelmente tenta criar, ou você cria uma imagem ou você fala de fato realmente. Mas acho que todo torcedor legítimo não tem como fugir dessa criação, desse sonho que se torna o time.

Do que seria o ideal?

Do que seria o ideal. Não consegue ser isento, né?

O que caracteriza esse torcedor legítimo?

Ah, o torcedor legítimo é aquele que é apaixonado, é aquele que não se basta somente em amar o time, ele está constantemente apaixonado, esse é o termo mais próprio. Ele não consegue ver ninguém ofendendo o time dele, por mais que tenha razão ou não, ele tem que rebater, ele tem que defender seu time como se estivesse defendendo a família dele.

Você falou que o torcedor cria um ideal, a imagem do que seria o ideal para o time. Que tipo de influência você gostaria de ter, se você gostaria de ter mais influência do que você tem?

Eu gostaria de ter mais influência. Na campanha de 2007 quando o Corinthians foi rebaixado, eu tava realmente muito triste. A minha vontade era largar o cigarro, largar a cerveja, largar o trabalho e voltar a praticar futebol 24 horas por dia como era quando eu era criança. Não sei, a forma que eu encontrei de influenciar diretamente o Corinthians era fazer um teste lá, tentar entrar pro time, por mais que seja estratosférico isso, a vontade era essa e eu estava à beira disso.

E você foi fazer o teste?

Eu acabei não fazendo porque assim como você tem que deixar de ir ao jogo por coisas maiores, você tem que abrir mão de certas coisas, não dá pra viver em função do Corinthians, você tem que fazer o meio de campo. E agora que eu faço Ciências Sociais, a minha visão mudou um pouco, a forma como eu gostaria de influenciar o Corinthians seria algo mais de cima pra baixo, não como jogador, mas a longo prazo, como um dirigente, com a paixão no coração, que é o principal, né?

Quais são os sentimentos mais presentes na sua vida de torcedor?

O amor, acima de tudo, e a paixão, que é o amor no seu estado mais elevado. Às vezes tem o ódio né, o amor e o ódio sempre estão bem próximos e até soam contemplativos pra mim. Mas, é aquela relação de amor e ódio, de céu e inferno constante, que varia do momento da cobrança do pênalti até a defesa ou o gol do jogador. E é essa mescla mesmo de amor e ódio, alegria e frustração.

Como você vê os torcedores de times rivais?

Eu vejo como algo natural. Desde os primórdios, uma tribo tinha desavenças com a outra, é algo natural, humano. Mas devido às políticas implantadas e à segregação das torcidas, que é bem recente, isso só foi ampliado, e conseqüentemente, com a segregação, o ódio aumentou, porque você não tem mais um palmeirense do seu lado para conhecer suas semelhanças e diferenças. Você acaba só exteriorizando as diferenças, você não tem paz para perceber o lado comum que você tem. Aliás, outro dia eu estava no ônibus com a camisa do Corinthians e eu moro na avenida do estádio do São Paulo. Quando eu estava prestes a descer do ônibus, já tinha puxado a cordinha, o cara me avisou: “Tá tendo jogo do São Paulo, a torcida tá toda no ponto”. Aí eu comecei a ir pra trás, um cara me viu, a torcida toda tomou conhecimento da minha presença no ônibus, começaram a bater, 50 são-paulinos, no ônibus, pedindo a minha cabeça praticamente, né? Eu gritei pro motorista fechar a porta, ele arrancou com tudo. Essas coisas que o futebol traz, além da beleza, além do entretenimento, são muito ruins, né? Essas desavenças, é quase uma guerra particular, né?

E como é que foi se sentir ameaçado assim pelos torcedores são-paulinos?

Eu acho que foi a primeira vez que eu senti a minha perna bambear. E eles começaram a pedir a minha camisa, esse é o ponto fundamental da história, eu tirei minha camisa, pela pressão de 50 são-paulinos querendo a minha cabeça fora do ônibus, foi inevitável. Eles pediram “joga a camisa, joga a camisa”, e aí, tinha corinthians no ônibus também e eles falaram “não joga, não joga”, por mais que timidamente, não querendo se expor. Aí eu acabei não jogando e o motorista arrancou.

Então você se recusou a dar a sua segunda pele. Eles queriam a sua primeira, mas pediram a segunda e você recusou.

E não conseguiram nenhuma.

Não conseguiram nenhuma. Mas você falou uma coisa que eu queria que você me respondesse. Você acha que tem pontos comuns e se os torcedores rivais se derem ao trabalho de conhecerem os pontos comuns que eles têm, você acha que isso solucionaria o problema da violência?

Acho que solucionaria é uma palavra muito extrema.

Amenizaria?

Amenizaria sem dúvida. Acho que você certamente viu o troca de família, do Corinthians e Palmeiras. E foi esse o ponto fundamental do programa, né? Sair um pouco das diferenças para reconhecer as similaridades de torcedores de facções rivais, né? E isso mudou a família de ambos. Então é algo que sendo ampliado, certamente amenizava.

De que forma você explicaria a um leigo como é ser um torcedor de futebol?

É, ser um torcedor de futebol é estar apaixonado por uma instituição, assim como havia alemães apaixonados pelas idéias que Hitler pregava e abraçaram o nazismo como finalidade de vida, às vezes, dá pra fazer esse paralelo com o torcedor de futebol, que às vezes até cega um pouco do resto, acaba não tendo uma visão geral do todo, mas que se mantém apaixonado e fixado por aquela instituição. Propriamente um time né, não o futebol.

Você acha que o torcedor de futebol é mais ligado ao time do que ao esporte?

Sem dúvida, é bem mais ligado. Porque o time é o meio que ele encontra pra gostar, pra se apaixonar. Aí você gostar de tática de futebol, apreciar um bom futebol, é decorrência dessa paixão inicial que você vive pelo seu time.

Qual foi o jogo mais marcante de sua vida?

Foi na campanha de rebaixamento do Corinthians, 2007, eu tava no Morumbi, era Corinthians e São Paulo, inclusive eu até cedi uma entrevista pra Rede Globo, pro Globo Esporte, falando “qual expectativa você tem pro jogo, você sendo corinthiano, o Corinthians nas últimas posições, o São Paulo líder né, o que te motivou a vir pro estádio”. Aí eu expliquei exatamente isso, das paixões, e durante o jogo, naquela pressão sufocante né, até o momento que o Betão fez o gol de cabeça, o Corinthians já estava a um bom tempo sem ganhar do São Paulo e naquelas circunstâncias, o Betão, o zagueiro grosso, tava tudo muito entrelaçado, tava tudo muito ligado. Fez o gol, a gente ganhou do líder, do rival, e eu quase desmaiei no estádio, minha namorada teve que me abanar assim, porque eu estava em êxtase, em transe, era algo inacreditável.

Então a questão marcante foi mais toda a situação na qual o jogo estava envolvido, do que o jogo em si.

Sem dúvida. 1x0 contra o São Paulo de qualquer forma vai ser um resultado que vai deixar o torcedor feliz né, empolgado, mas não vai chegar a tal ponto de me deixar da forma que me deixou, eu tava perplexo e foi realmente a circunstância e não o próprio jogo que me fez ficar daquela forma.

4.5 Entrevista 5

Participante: H. L. S. S., são-paulino, 24 anos, 50% de presença no estádio.

Como você se tornou um torcedor de futebol?

Ah, desde moleque né, meu pai, meu pai me incentivou, desde 1990 que eu venho né? Então desde que eu tenho 5 anos de idade que eu venho pro estádio.

Você lembra do seu primeiro jogo?

Lembro, São Paulo e Bragantino, 3 a 3, Pacaembu.

E seu pai que te levou?

Foi o meu pai que me levou.

E como é que foi a sensação de ver o São Paulo no estádio pela primeira vez?

Foi emocionante e ao mesmo tempo meio que frustrante né, porque o São Paulo empatou, mas assim, o bragantino começou ganhando de 3 a 0 e eu já queria ir embora né, era moleque, aí meu pai catou e falou não, calma, e o São Paulo empatou e isso daí ganhou o dia né? E depois dessa vez eu nunca mais deixei de ir ao estádio.

Você frequenta desde os cinco anos com o seu pai?

Com o meu pai, depois sozinho. Até os 10 anos eu ia com o meu pai, depois de 11, 12, eu comecei a vir sozinho. Às vezes com ele, às vezes com os amigos e tudo.

E toda a sua família é são-paulina?

A grande maioria. A grande maioria da minha família é são-paulina. Eu consegui até converter a minha mãe. Ela era palmeirense, foi convertida ao São Paulo.

Como é um dia de jogo para você?

Dia de jogo é ansiedade né, pra vir pro estádio logo. Tomar a cervejinha antes né, se divertir, encontrar os amigos, você fica ansioso pra começar o jogo, o que vai acontecer no jogo né, é um dia especial.

Como é que você acorda?

Ah, acordo já pensando. Eu durmo já pensando, aí eu acordo já pensando no jogo, tudo, aí já vai preparando, já vai ligando pra quem vem, não vem, combinando com o pessoal. A ansiedade é bem grande, igual hoje, eu já tô ansioso já, pra entrar no estádio, começar o jogo logo, pro São Paulo ganhar.

E quando você entra no estádio?

Nossa, quando eu entro no estádio eu me sinto num templo né, principalmente no Morumbi que é a casa do São Paulo. Eu amo ver esse estádio lotado, nossa, quando tá lotado isso daqui não tem coisa igual. É muito bom, é muito bom. Eu fico emocionado, já chorei por diversas vezes aqui no estádio, de ver a torcida, por causa do São Paulo também, porque sou são-paulino roxo.

Você se emociona muito com a torcida?

Com a torcida, com o time, tudo. Principalmente nesses últimos anos que o São Paulo vem ganhando bastante títulos, então eu fico bastante emocionado e feliz, feliz, emoção assim, felicidade mesmo porque, o São Paulo é a minha vida, é o São Paulo e o São Paulo.

O que você deixa de fazer para vir pro estádio?

Ah, depende, depende as coisas né? Se for fim de semana, eu deixo de acordar cedo e ir pra casa dos amigos, esses negócios, mas assim, eu não mudo tanto a minha rotina, é só aquilo lá, vamo pro jogo, vamo pro jogo, já reúne e vamo pro jogo, não podó muitas coisas não.

Entendi, então não tem muitos conflitos com outras partes da sua vida?

Não, não. Não tem não, porque daí eu já me reservo mais, sabendo que eu vou pro jogo eu já faço uma programação na minha vida.

E como é que é o pós-jogo, o dia seguinte?

É gritar e zoar com os outros. Fazer brincadeira com os amigos né, os amigos de outro time, tudo, aí eu brinco e alegria né, zoar todo mundo por um bom tempo, principalmente se for título.

E o São Paulo perdendo?

O São Paulo perdendo a gente fica cabisbaixo né? Por incrível que pareça, nesses 18 anos, no ano passado eu não vim, não consegui vir em nenhum jogo, foi a minha grande derrota, mas por incrível que pareça eu vi o São Paulo perdendo 3 vezes só, nesse tempo que eu vim, de jogo.

Esse ano?

Não, na história, nos 18 anos de estádio, 3 vezes, três derrotas do São Paulo.

Você tá me dizendo que você é um pé-quente do caramba?

Graças a Deus.

Caramba, 3 vezes só você viu o São Paulo perder?

Libertadores de 94.

A final?

A final de 94 eu vi, perdeu nos pênaltis. Eu vi o São Paulo perder duas vezes pro Corinthians. Pior coisa que tem.

Logo pra quem...

Logo pra quem. Demais né meu, o maior rival, pra mim é o São Paulo e todos contra o Corinthians, a verdade é bem essa.

E como é que fica depois da derrota?

É, a gente fica chateado, triste e tudo, mas cabisbaixo e tem que aceitar né cara, tem que aceitar. Como eu brinco com os meus amigos que são de outro time, as pessoas que eu conheço, eu tenho que aceitar que brinquem comigo.

Que espaço tem o futebol na sua relação com as pessoas próximas a você?

Cara, eu todo dia assisto esporte. Todo dia programa de esporte, futebol, eu vivo futebol muito. Porque assim, eu tenho um círculo de amizade e eles também são apaixonados pelo futebol, então sempre tem que rolar, tá num churrasco, tá numa festa, vai rolar alguma coisa sobre futebol. Alguma conversa. E profissão também né, porque eu sou professor de educação física.

Então você tá me falando que o futebol é como se fosse uma argamassa das suas relações, ele tá sempre envolvido e tá mantendo as pessoas unidas.

É, também, ele tá sempre envolvido. A gente se une bastante. O núcleo de amizade que eu tenho a maioria é de são-paulinos, então isso é bom pra mim, né?

Você exerce influência sobre o seu time?

Ah, não sei cara. Acho que mais em questão de apoio mesmo, não tem nada mais complexo não, é a questão do apoio. É aquilo né, se não fosse nós torcedores não existia o futebol, não existia o São Paulo, não existia os outros times. Então tem que apoiar. É que o ser humano também tem a capacidade de gostar de outras pessoas mesmo que essa pessoa

não te traga nada a não ser o bem estar. A felicidade. Eu sou assim, eu gosto de futebol, sempre vou gostar, vou morrer gostando, sempre vou vir pro estádio sempre que for possível. Hoje eu vim aí ó, além da causa nobre da alimentação, fazer com que o Morumbi seja a abertura né?

A abertura de 2014. Então a questão do apoio é a influência que você exerce?

É, o apoio.

Você gostaria de exercer influência de alguma outra forma?

Ah, se eu pudesse, se eu tivesse condições, sim.

Como é que seria isso?

Ah, tanto financeiro, tanto a parte assim de estar junto, de incentivar, ou participar de algumas ações dentro do clube, se eu tivesse como fazer eu faria. Mas enquanto eu não tenho, ou não vou ter, eu venho pro estádio que é uma forma de incentivar.

Quais são os sentimentos mais presentes na sua vida de torcedor?

Paixão cara. Paixão.

Me explica como é que é essa paixão.

São Paulo tá jogando, eu assisto, eu vou no estádio, falou de São Paulo eu vou discutir, saudavelmente né, que esse negócio de briga não tá com nada, mas eu vou discutir, vou defender o time, pode ser o que for, eu vou defender o time. Paixão é o que alimenta o meu sentimento pelo São Paulo. Pelo futebol em si, o futebol em si. O futebol é um esporte que une o povo, une o povo, une o mundo. O futebol eu acho que é um dos esportes que consegue mais unir as pessoas.

Você consegue me definir o que vem primeiro, a paixão pelo São Paulo ou a paixão pelo futebol?

Pelo futebol. Pelo futebol, depois vem pelo São Paulo. O futebol é esporte, cara, e eu amo esporte, desde moleque. Mas o São Paulo tá, vai, 50/50, acho que o futebol e o São Paulo juntos, porque o São Paulo em si ele, o que que é, ele é a minha vida, eu venho pro estádio direto, então eles estão bem ligados. Mas eu assisto todos os jogos também, agouro o time que eu não torço tudo, isso é assim mesmo, acontece mesmo com quem é torcedor, mas os dois andam lado a lado.

Você falou que o São Paulo é a sua vida.

É. Em esportes, o São Paulo é minha vida cara. Partiu pro esporte, futebol, São Paulo.

Como você vê os torcedores de times rivais?

Cara, é o seguinte: cada um tem o seu time, certo? Cada um tem o seu time, esse negócio aí de ficar brigando, isso não dá certo, não dá certo. Isso daí meu, você fica se matando, ao invés de se unir pelo bem do futebol não, os caras querem se matar. Cada um tem o direito de torcer pra quem for, infelizmente uns torcem pra outros times, nem todo mundo é são-paulino, mas até então, é só brincadeira né, pelo menos a minha visão é isso aí, eu só brinco, zôo, mas em questão de discutir e levar pras vias de fato, não tem, isso aí não tem não. Eu já fui bem mais louco de ah, não sei o que, vou querer bater, não sei o que, mas quando você vai crescendo, amadurecendo, aí você vê que isso aí não tem nada a ver. Então hoje eu em dia eu sou um cara bem sossegado, graças a Deus.

Então você tá me falando que os torcedores de times rivais são tão torcedores quanto eu sou, e merecem o meu respeito como eu mereço...

É. É, tem a zoação, tem a tiração de sarro, tem até o xingamento, xingamento assim, só pra tentar zoar com eles, entendeu? Denegrir alguma coisa da imagem do time deles só de brincadeira mesmo, mas nada de querer agredir alguém.

De que forma você explicaria a um leigo como é ser um torcedor de futebol?

Eu acho que a melhor explicação é a prática, levar ele pro estádio. Tem até um rapaz que tá conosco que é a primeira vez que ele vem ao estádio. Eu falei, vamo pro estádio, que você vai ver o que é o torcedor de futebol, você vai ver o que é um jogo de futebol. Tudo o que engloba isso, o que tá em volta disso. Porque assim, creio eu que leigo no Brasil, em futebol, não existe, porque o Brasil é o país de futebol. Você nasce homem, seu pai a primeira coisa que vai te dar é uma bola de futebol, isso aí aconteceu comigo, todo mundo, todo pai vai fazer isso com o filho e vai sempre puxar a sardinha pro lado dele né, mas nem sempre isso acontece. Mas eu explicaria assim, vamos lá, o jogo de futebol é isso, vamo pro estádio você vai ver como é que é, isso aquilo, a prática é a melhor explicação.

Você tá falando que futebol é muito mais que um jogo, é estar junto com as pessoas.

Sociabilização. Essa é a palavra. Tanto no futebol quanto em qualquer evento esportivo, eu acho que o evento esportivo é onde existe mais sociabilização, apesar de ter essas brigas, de tudo aquilo, o convívio com as pessoas dentro do estádio, as pessoas se abraçam, quem nunca se viu na vida, sai gol se abraça, começa a conversar, você faz amizade dentro do estádio, você vem junto em outro jogo, isso aí se chama sociabilização, você conviver com as outras pessoas, sendo homem, mulher, branco, negro, marrom, o que for, você consegue conviver com a pessoa dentro de um estádio de futebol.

Qual foi o jogo mais marcante de sua vida?

Existem dois jogos mais marcantes na minha vida. 1998, nesse mesmo estádio, São Paulo e Corinthians, volta do Raí da Europa, 3 a 1 São Paulo, campeão. Foi um jogo, nossa, eu chorei, isso pela rivalidade com o Corinthians. Mas depois disso vem o jogo da Libertadores de 2005, que foi uma coisa linda, cuspidando gente pra fora, tinha muita gente aqui, tinha por volta de 70.000 são-paulinos, isso anunciado porque tinha muito mais, e aqueles 4 a 0, São Paulo campeão da Libertadores, depois de 11 anos que eu vim ver, saí chorando daqui, que o São Paulo foi vice, perdeu nos pênaltis, depois de 11 anos eu vim e saí chorando de felicidade. Então foi dois jogos que marcou demais, demais.

Marcou demais, pela conquista?

Por tudo que teve em volta. Uma conquista de uma das conquistas mais importantes do futebol brasileiro, que é campeão da Libertadores, e outra, uma conquista, primeiro jogo que eu vim contra o Corinthians e em cima deles que são rivais, então foi uma conquista magnífica, porque eles ganharam o primeiro jogo e achavam que eram campeões e tomaram. Então isso aí pra nós que somos torcedores de outro clube é maravilhoso.

5 Análise

O processo de análise do conteúdo das respostas às entrevistas começa com a leitura das transcrições. O autor busca se aprofundar na fala dos participantes de forma a desenvolver uma grande familiaridade com o conteúdo expresso. É nessa imersão e a partir de uma postura de abertura em relação às falas do entrevistado que o pesquisador se torna capaz de perceber as unidades de significado no discurso do participante. Essas unidades, que nada mais são do que trechos da fala do entrevistado, indicam o caminho para se realizar a compreensão do fenômeno em questão, uma vez que revelam o sentido das vivências de cada um. Uma vez identificadas e agrupadas por temas, é possível discorrer sobre como é ser-torcedor.

A percepção das unidades de significado, o agrupamento em temas e o desenvolvimento dos mesmos serão pautados pela concepção de mundo adotada como referencial para este trabalho. Dessa forma, não se pode pensar em uma neutralidade nesse processo. Porém, o método fenomenológico de pesquisa permite que a análise tenha como ponto de partida a fala do entrevistado, através da qual emergem as significações do torcedor. É a postura de abertura ao fenômeno e a suspensão fenomenológica que garantem isso. Para pensar sobre os temas encontrados, o autor contará com o suporte da hermenêutica existencial heideggeriana (Heidegger, 2005).

A separação por temas é necessária para o desenvolvimento da análise por permitir que se explore mais organizadamente cada assunto. Porém, os temas devem ser pensados como fortemente interligados uma vez que compõe, juntos, um relato de vivência.

5.1 Futebol é vida

Se considerarmos o conceito de intencionalidade e o aplicarmos ao torcedor de futebol, chegaremos à conclusão de que não é possível pensar o torcedor, um “sujeito”, separadamente de seu time do coração, do jogo de domingo, do esporte, seus “objetos”. Um é fundamentalmente constitutivo do outro e são, portanto, radicalmente inseparáveis. O torcedor, para existir como torcedor e se reconhecer como é, depende do futebol. Para ele, o futebol é sua vida. A vida deve ser pensada como um envolvimento concernente com aquilo que nos convoca Ser. Muito mais do que a condição biológica, viver é enredar-se, agarrar-se a um sentido, uma vez que somente o que faz sentido fala de uma familiaridade, de um pertencimento, de uma alocação de mundo.

O fundamento da existência humana está no sentido (*Sinn* - rumo, direção do existir). Na experiência da angústia essa condição se mostra presente, pois diante da retração do sentido, do esvaziamento do existir, o mundo desmorona, perdemos a familiaridade, pois nada nos convoca a ser (Heidegger, 2005).

“Palmeiras pra mim, é minha segunda pele aqui (agarra a camisa do Palmeiras), minha vida”

“abraçaram o nazismo como finalidade de vida, às vezes, dá pra fazer esse paralelo com o torcedor de futebol”

“eu vivo futebol muito”

“porque o São Paulo em si ele, o que que é, ele é a minha vida”

A presença nos estádios é fundamental para o torcedor, fazendo com que ele deixe de lado outros compromissos para poder acompanhar de perto seu time. Não basta qualquer forma de envolvimento com o futebol que não seja através da vivência, afinal, não se pode estar ausente de sua própria vida. O futebol, por ser vida, precisa ser vivido, é necessário mergulhar nele intensamente, é necessário fazer parte. Futebol é vida, então precisa estar acima de tudo.

“futebol pra mim tem que estar em todos os momentos e todas as horas”

“Hoje a minha esposa tá de folga com a minha filha, eu deixei ela em casa pra poder vir no jogo. É a única folga dela na semana e eu deixei ela em casa pra poder vir pro jogo.”

“porque daí eu já me reservo mais, sabendo que eu vou pro jogo eu já faço uma programação na minha vida”

“largo a família, venho pro Palestra aqui”

“Deixo de ir às minhas aulas de antropologia. Mas já levei muito desaforo da minha namorada por ter preterido ela em relação ao Corinthians. São essas coisas, faltar no trabalho, faltar na faculdade, é aquele impulso que te devora.”

“Ah, deixo de ficar com a namorada, a namorada é são-paulina então não tem como, abro mão de tudo, abro mão do futebol com amigos, abro mão do jogo da seleção, mas vale tudo pela Lusa, Lusa sempre na cabeça.”

Porém, isso nem sempre é possível. Por conta da facticidade do mundo, o torcedor às vezes tem que abrir mão de seu projeto e percorrer num campo de possibilidades limitado (Heidegger, 2005), abdicando de seus desejos e buscando estar tão presente quanto puder.

“E você foi fazer o teste?”

Eu acabei não fazendo porque assim como você tem que deixar de ir ao jogo por coisas maiores, você tem que abrir mão de certas coisas, não dá pra viver em função do Corinthians, você tem que fazer o meio de campo.”

Ainda pode-se dizer que a grande dificuldade de se explicar como é ser torcedor de futebol passa exatamente por essa mesma questão, a saber, identificar futebol como vida. Não é possível obter informações frias e desinteressadas sobre as vivências do torcedor ou sobre suas emoções simplesmente porque a vida não é algo que se compreende dessa forma. Não é possível colocar em palavras toda a complexidade envolvida na vida. A única forma de explicá-la é através do próprio viver.

“Ah, eu acho que futebol você não explica, você vive”

“Eu acho que a melhor explicação é a prática, levar ele pro estádio”

“É difícil explicar, você teria que convencer ele, levá-lo ao estádio”

“É a mesma coisa que você apresentar um prato e a pessoa não saborear”

“Ah, foi uma sensação assim, que é inexplicável, em palavras não dá pra explicar”

5.2 Afeto do torcedor

Ansiedade e expectativa. É esse o estado afetivo central do torcedor de futebol. Não por acaso, uma vez que ninguém sabe o que o futuro reserva para si. Toda compreensão de mundo é afetiva e é essa disposição primeira que abre o campo de possibilidades sobre o qual o torcedor transita (Heidegger, 2005). Na incerteza e na falta de garantia de como será o jogo, o torcedor não tem outra possibilidade a não ser permanecer no lugar de quem anseia. A vida é muito importante e o jogo é seu ápice. O torcedor não é passivo em sua ansiedade e expectativa, como veremos adiante no tema “Cuidado e falta”. Mesmo assim, não há garantia nenhuma para confortá-lo. Ele acorda ansioso no dia do jogo, fica eufórico, tem dores de cabeça. A expectativa por um jogo pode até começar logo quando termina o jogo anterior.

“Rapaz, (em dia de jogo) eu acordo já com dor de cabeça, bicho. Eu acordo com uma dor de cabeça não quero nem ouvir comentário. Desligo a televisão, meios de comunicações. Fico, fico isolado.”

“Pô, (o dia de jogo) é um dia meio eufórico, eu fico meio ansioso cara, enquanto não chega a hora, enquanto eu não entrar no estádio e não ver o jogo começar eu fico bem ansioso. Bastante assim.”

“Mas é um dia, meu, é um dia legal, puta, dia de jogo é aquela ansiedade de ver o seu time, principalmente em fases finais de campeonato, é aquela expectativa total.”

“Ah o dia de jogo começa a partir do momento que termina o jogo anterior. Você já começa a especular sobre o cara que tomou o terceiro cartão e não vai mais jogar, o cara que foi substituído, que tava machucado, o jogo começa a partir do momento que termina o outro.”

“Dia de jogo é ansiedade né, pra vir pro estádio logo.”

Para alguns torcedores, a ansiedade é suspensa pelo apito inicial. O jogo está acontecendo e não sobra mais espaço para expectativa.

“E é aquela ansiedade que termina no apito inicial.”

“Quando começa o jogo, não sei. Os 90 minutos anteriores ao início do jogo parecem 280 minutos. Os 90 minutos do jogo parecem 9 minutos, de tão intenso, de tão prazeroso que é ver o seu time jogar.”

“na hora que o jogo começa é onde que, que eu fico mais, já fico mais prestando atenção no jogo e aquela ansiedade fica um pouquinho de lado né?”

O torcedor não vive o tempo todo na expectativa, pois se ela deriva de uma incerteza, o apito final acaba temporariamente com ela. Com um resultado que determina o sucesso ou insucesso do time, o torcedor se encontra em um de dois pólos afetivos possíveis: a frustração ou a comemoração.

“Ganhou, o pessoal lá em casa compra tudo. Ganhou. Agora se perder aí já... Porra aí complica, pô. Fico mal humorado, a semana inteira, até quarta feira.”

“Mas, é aquela relação de amor e ódio, de céu e inferno constante, que varia do momento da cobrança do pênalti até a defesa ou o gol do jogador. E é essa mescla mesmo de amor é ódio, alegria e frustração.”

“Emoção, vibração, euforia, cara é uma coisa, e frustração acontece também.”

O torcedor se encontra numa constante mudança de estado afetivo. Da ansiedade parte para a alegria ou a frustração, dependendo do resultado do jogo, e volta para a ansiedade, uma vez que não se sabe o que ocorrerá na próxima partida.

“O nosso sentimento ele muda a cada, de três em três dias. Por exemplo, hoje é sábado, o Palmeiras ganha, tal, mil maravilhas, tem a semana inteira feliz. Chega a quarta feira, o seu time chega a perder, você já muda totalmente, vai ter que esperar três dias de novo. Nosso dia a dia assim é muito rotatório.”

A ansiedade não diz respeito somente ao jogo seguinte. Ela também existe frente a um campeonato, a uma temporada inteira. Quando o time passa muito tempo sem vencer, a intensidade da frustração e da expectativa vai aumentando. O torcedor não se ausenta mesmo após anos sem presenciar vitórias, pelo contrário. O maior exemplo pertence à torcida do Corinthians, que cresceu muito nos 23 anos nos quais o time não conquistou nenhum título. E quando a comemoração finalmente chega, ela chega explodindo. O título paulista que terminou com a ansiedade e frustração corinthiana de mais de duas décadas hoje é considerado um dos mais importantes do clube. Da mesma forma, o jogo mais marcante da vida de alguns entrevistados foi o jogo que tirou o time da “fila”.

“Porque foi o jogo mais marcante da sua vida?”

Ah, ele tava, o campeonato brasileiro aí pô, tava tirando uma fila da porra aí.”

“17 anos pô”

“A gente ficou 18 anos na fila aí e veio um campeonato em cima de um arqui-rival da gente e nunca foi bom esperar tanto tempo cara”

“depois de 11 anos que eu vim ver, saí chorando daqui, que o São Paulo foi vice, perdeu nos pênaltis, depois de 11 anos eu vim e saí chorando de felicidade.”

“Com certeza, com a vitória supera” (a frustração)

5.3 Os iguais que são iguais e os iguais que são diferentes

O torcedor de futebol vê em si mesmo, em seu time e em sua torcida peculiaridades que os identificam. Essa diferença está presente na postura da torcida ou então em características que são sempre marcantes em um clube. Ser diferente e ser reconhecido como tal sustenta uma identidade do que é ser torcedor de um determinado time. E a comparação não é só feita entre torcedores de outros times, mas também entre torcedores de uma mesma equipe. Quando não se alcança certas exigências, corre-se o risco de não ser considerado um torcedor legítimo.

“Não sou melhor nem melhor né? Sou apenas diferente.”

“que nem a frase da Lusa diz mesmo: ‘Nem melhor nem pior, apenas diferente’”

“É difícil comparar um Corinthians com uma Portuguesa, um São Paulo por causa de torcida”

“Então, a torcida menor ela é mais unida”

“Acho que a Portuguesa não é um time de violência não, não compararia meu time com um grande. Nesse aspecto.”

“até jogando futebol o meu estilo era mais voltado à raça, garra, que são marcas do Corinthians.”

“eu acompanho né, eu sou um cara que eu tô constantemente assistindo televisão, escutando no rádio, tudo. Eu tô por dentro. Mas o cara que vai no embalo do jogo, não sabe nem quem é o zé do time dele, tudo, daí acaba entrando no embalo, daí ele acaba se envolvendo de maria-vai-com-as-outras.”

“Ah, o torcedor legítimo é aquele que é apaixonado, é aquele que não se basta somente em amar o time, ele está constantemente apaixonado, esse é o termo mais próprio.”

Apesar das diferenças, os entrevistados reconhecem semelhanças em torcedores de outros times. Há uma identificação entre torcedores que ultrapassa os limites da rivalidade. Ser torcedor é ser torcedor, independente do time para o qual se torça. Assim, se faz necessário aceitar a existência do outro para poder ter a própria existência aceita.

“Ah, todos iguais, todos iguais. Eu não vou querer ser melhor do que ninguém, que

nem você né? Não tem nem como.”

“Então não são iguais, são idênticas.”

“Como eu brinco com os meus amigos que são de outro time, as pessoas que eu conheço, eu tenho que aceitar que brinquem comigo.”

“Cada um tem o direito de torcer pra quem for”

“Sociabilização. Essa é a palavra.”

“O Santos fala ‘Pô, o Pelé foi o maior do mundo’, na época do Santos, eu considero então, se for assim, o Denner lá da Portuguesa, a Portuguesa na fase de glória então se for assim. Isso também é relativo, o pessoal, cada torcedor defende seu time, argumenta positivamente. Mas eu considero a Portuguesa um grande time assim, com certeza.”

Porém, quando esse assunto vem à tona, traz consigo a questão da violência entre torcidas. Esse tema preocupa o torcedor, que faz questão de criticar atitudes violentas, até eventualmente as próprias ações agressivas. Os torcedores reconhecem o outro como igual, mesmo quando zombam da condição avessa do outro em relação à própria ou fazem gozações, pois acreditam que isso faz parte do contexto informal do futebol. Também esperam ser reconhecidos como iguais, ao mesmo tempo em que esperam ter reconhecidas suas peculiaridades e diferenças, sua identidade, sua camisa. Nesse espírito, a violência aparece como a grande inimiga. A violência é vista como fruto de insensatez e imaturidade e acaba por afastar as pessoas do estádio.

“Aí entramos em conflito assim que, coisas banais mas, não deveriam ter importância, mas como causou importância grande, deixa pra lá.”

“Então, não tinha aquele problema da violência né, agora nem se fala você ir num Portuguesa e Corinthians, Portuguesa e São Paulo é complicado.”

“Mas os caras quebraram as cadeiras, tacavam saco com aquelas coisas, puta meu, foi assim, daí meu pai cancelou, não vem mais em clássico”

“porque você não tem mais um palmeirense do seu lado para conhecer suas semelhanças e diferenças. Você acaba só exteriorizando as diferenças, você não tem paz para perceber o lado comum que você tem.”

“Aí eu comecei a ir pra trás, um cara me viu, a torcida toda tomou conhecimento da minha presença no ônibus, começaram a bater, 50 são-paulinos, no ônibus, pedindo a minha cabeça praticamente, né? Eu gritei pro motorista fechar a porta, ele arrancou com tudo.

Essas coisas que o futebol traz, além da beleza, além do entretenimento, são muito ruins, né? Essas desavenças, é quase uma guerra particular, né?”

“Cara, é o seguinte: cada um tem o seu time, certo? Cada um tem o seu time, esse negócio aí de ficar brigando, isso não dá certo, não dá certo. Isso daí meu, você fica se matando, ao invés de se unir pelo bem do futebol não, os caras querem se matar. Cada um tem o direito de torcer pra quem for, infelizmente uns torcem pra outros time, nem todo mundo é são-paulino, mas até então, é só brincadeira né, pelo menos a minha visão é isso aí, eu só brinco, zôo, mas em questão de discutir e levar pras vias de fato, não tem, isso aí não tem não. Eu já fui bem mais louco de ah, não sei o que, vou querer bater, não sei o que, mas quando você vai crescendo, amadurecendo, aí você vê que isso aí não tem nada a ver. Então hoje eu em dia eu sou um cara bem sossegado, graças a Deus.”

5.4 Cuidado e falta

O conhecimento popular entende que do que se gosta, se cuida. Não poderia ser diferente em relação ao futebol. Apesar de estar constantemente em um estado de expectativa e ansiedade, o torcedor não se mantém em um estado de passividade. É através da ação do torcer que se zela por aquilo que está em jogo. Sua presença nos estádios é vista com muita importância, pois o time não vencerá sozinho, já que precisa da força da torcida, de incentivo. O cuidado do torcedor em relação ao seu time, ao que dá sentido à sua vida, se dá nesse incentivo. Cuidado é entendido aqui como a atitude frente à indeterminação do futuro, o proteger e o zelar pelo que está em questão, por aquilo que confere sentido ao ser (Heidegger, 2005). A partir disso pode-se entender a grande frequência dos torcedores nos estádios. E na eventualidade de perceber a situação de seu time como muito ruim, pode-se chegar a extremos para remediar a situação. O torcedor reconhece que, sem ele, seu time não existiria, pois um é constitutivo do outro, dando-lhe sentido e razão de ser. Necessariamente, para preservar tal relação, o torcedor se coloca na posição de quem deve zelar pelo seu time.

“se não fosse nós torcedores não existia o futebol, não existia o São Paulo, não existia os outros times”

“O tipo de influência que eu acredito ter pelo meu time é isso, de dar força pro meu time poder avançar.”

“a torcida é bem unida, não é muito grande mas é unida, quando o time precisa tá lá pra ajudar, mesmo nos momentos difíceis.”

“Na hora do jogo aquela vibração total, total, e empurrar, empurrar sempre o time pra ganhar.”

“É o que os jogadores falam meu, quem é da Lusa mesmo nessa hora tem que vir ajudar.”

“a influência que eu exerço é das arquibancadas né, vibrando, cantando o hino, etc., as canções”

“Mas enquanto eu não tenho, ou não vou ter, eu venho pro estádio que é uma forma de incentivar.”

“Eu gostaria de ter mais influência. Na campanha de 2007 quando o Corinthians foi rebaixado, eu tava realmente muito triste. A minha vontade era largar o cigarro, largar a

cerveja, largar o trabalho e voltar a praticar futebol 24 horas por dia como era quando eu era criança. Não sei, a forma que eu encontrei de influenciar diretamente o Corinthians era fazer um teste lá, tentar entrar pro time, por mais que seja estratosférico isso, a vontade era essa e eu estava à beira disso.”

“E puta, a gente desceu na Vila cara, num ponto que só tinha santista, pra comprar ingresso só tinha eu e meu pai da Portuguesa, uns policiaes escoltando, foi uma aventura que meu, aquela eu não esqueço nunca, eu espero contar pra todo mundo sempre. Foi um jogo emocionante cara, e só tinha eu e meu pai e mais dois caras sem camiseta também na parte da Lusa e a Vila lotada, lotada até o chão, o pessoal estrondoso.”

“Tinha no mínimo, no mínimo, 12 mil torcedores, no mínimo, então você imagina, 12 mil contra 2.”

Além disso, o torcedor muitas vezes se imagina tomando iniciativas mais diretas em relação ao time. O desejo de se tornar um membro do conselho deliberativo do clube, tomando decisões que beneficiem a todos os torcedores, é muito presente.

“Ah sim, cara, eu gostaria de fazer parte de um conselho, alguma coisa desse tipo assim, mais pra frente.”

“E agora que eu faço Ciências Sociais, a minha visão mudou um pouco, a forma como eu gostaria de influenciar o Corinthians seria algo mais de cima pra baixo, não como jogador, mas a longo prazo, como um dirigente, com a paixão no coração, que é o principal, né?”

“Ah, tanto financeiro, tanto a parte assim de estar junto, de incentivar, ou participar de algumas ações dentro do clube, se eu tivesse como fazer eu faria.”

O futebol é vida e a vida merece muito cuidado. Com os torcedores fazendo sua parte, é esperado que treinadores e jogadores representem esse zelo pelo time dentro de campo. Junto com uma derrota, vem o sentimento de frustração e pode surgir a sensação de que faltou alguma coisa. Abre-se então a possibilidade de vivenciar a falta que coloca em débito toda nossa existência (Heidegger, 2005). Se no jogo faltou dedicação, coragem, habilidade, destreza ou pontaria, a rigor faltou cuidado. Essa falta com o time não é tolerada. Não corresponder à expectativa do torcedor pode marcar um jogador para sempre.

“Caçapa. Jesse Caçapa, é. Médio volante do Palmeiras que entregou o ouro. Eu lembro bem disso aí, sempre ficou gravado na memória, pelo resto da vida.”

“Luxemburgo foi um cara extremamente covarde, covarde.”

“Putá, então cara, Portuguesa é complicado. Quando vai mal é aquela coisa né, o pessoal cai em cima, é chato, porque você vê seu time...”

O torcedor não pede muito. Quer que o amor que tem por seu clube esteja presente naqueles que tem a possibilidade de atuar diretamente sobre o time. O relato a seguir demonstra claramente que, mesmo não sendo alcançado o objetivo, o torcedor é capaz de exaltar a equipe. Para tanto, é necessário que os jogadores dediquem-se na íntegra em busca da vitória. Se o cuidado pelo time existiu e o torcedor o identificou como legítimo, um resultado negativo poderá ser frustrante. No entanto, no último sopro do apito, o time será homenageado e a dedicação será sempre lembrada. Se for para morrer, os jogadores devem fazê-lo honrosamente.

“O título em cima do Corinthians foi bastante expressivo, por estar tanto tempo sem ganhar nenhum título, mas o jogo da Libertadores Santos e Grêmio aqui na Vila que o Santos ganhou de 3 a 1 e acabou não se classificando pra semifinal foi um jogo que eu nunca tinha visto a Vila Belmiro daquela maneira.

Como é que tava?

Fantástica.

Fantástica?

Fantástica mano.

Por quê?

Lotada, a torcida toda apoiando, acabou o jogo a torcida aplaudindo, gritando o nome do time.

Apesar de não ter classificado?

Apesar de não ter classificado, porque a torcida viu que, até arrepio, cara.

Eu também.

A torcida viu que o time lutou até o final. O lance que o cara chutou a bola, o Domingos tirou de cabeça, caiu tonto no chão, o árbitro queria paralisar o jogo pra ele ser atendido, ele se levantou, se segurou no companheiro e falando, não lembro quem era o companheiro, não, não vai paralisar não, vamos pro jogo, aquilo ali, aquele jogo foi fantástico, não tem explicação, foi fantástico, fantástico.”

5.5 Futebol e a eternidade

Toda a análise feita até aqui tem levado em consideração a indissociabilidade entre o torcedor e o futebol. Não será diferente nesta etapa, porém não será mais possível pensar no torcedor em sua plena singularidade.

O tempo da existência, que não pode ser entendido como tempo cronológico, mas sim como o tempo dos acontecimentos, confere historicidade ao existente, que conta sua história na forma de sua vida e, portanto, existe (Heidegger, 2005b). O torcedor é imerso nessa cadeia de acontecimentos históricos que não se limita ao já vivido. Ao falar do passado, relembra, revisita a trajetória do seu time e do seu testemunho. O presente se dá no estádio, vivendo as apreensões de cada momento. Do futuro emergem a esperança, o desafio, as possibilidades. No futebol, o torcedor transcende sua finitude e eterniza-se na compreensão de que haverá continuidade, fidelidade. De pai para filho, a perpetuação do torcedor ocorre de forma a manter vivo para sempre o futebol.

“Ah, acompanho o futebol através do meu pai, através do meu pai, vendo o time jogar, sempre aqui pelo Palmeiras.”

“Incentivo do meu pai e simpatizei bastante pelo clube, gosto bastante do Santos.”

“Então, a minha família é portuguesa, e desde pequeno meu pai vinha ao estádio, me trazia, então é de descendência mesmo, portuguesa, então a Portuguesa desde pequeno faz parte da minha vida.”

“É inegável que o meu pai teve uma influência nisso. De qualquer forma, pensando hoje, eu não veria motivo para torcer para outro time que não o Corinthians, nem propriamente pelos títulos, mas por aquelas peculiaridades que só o Corinthians tem.”

“É. O que me fez vestir a camisa do Corinthians foi o meu pai, mas o que me manteve com ela no corpo foi o Corinthians.”

“Ah, desde moleque né, meu pai, meu pai me incentivou, desde 1990 que eu venho né? Então desde que eu tenho 5 anos de idade que eu venho pro estádio.”

Se o torcedor se perpetua, o futebol também se faz eterno. Não poderia ser diferente, já que um não sobrevive sem o outro. Mas o futebol se perpetua de forma única e talvez seja essa a grande beleza deste esporte. Não importa o que aconteça, sempre haverá o próximo

jogo. Não importa o quão desastroso seja um ano, sempre haverá o ano seguinte e na sequência o próximo. Sempre haverá mais uma chance. Da mesma forma, após uma grande felicidade, o futuro se mostra novamente incerto. Cada final abre sentido a um novo início. O placar lê 0x0, os times entram em campo. Uma infinidade de possibilidades à frente e enquanto houver o próximo jogo, existirão torcedores para assisti-lo. O futebol extrapola o limite da finitude.

“nada como um jogo após o outro pra gente superar essa”

“se perder é ficar quieto, baixar a cabeça, trabalhar e esperar o próximo jogo.”

“é um jogo que no final das contas não tem fim.”

6 Considerações finais

O presente trabalho teve como proposta utilizar uma aproximação diferente da normalmente usada para olhar o torcedor de futebol. Ao invés de se pensar nos torcedores como massa, buscou-se aqui compreendê-lo como uma existência singular, sem utilizar pré-concepções teóricas ou conceitos prévios. As vivências dos entrevistados foram estudadas tendo como ponto de partida o relato dos próprios torcedores a respeito de suas experiências.

Os temas que emergiram em função dos relatos proporcionaram a compreensão do fenômeno do torcedor de futebol de forma inédita. Foi percebido que é o futebol que dá sentido à vida do torcedor e a partir disso a análise foi feita levando em conta tamanha magnitude. De posse desta premissa e tendo como suporte a ontologia heideggeriana, tornou-se possível pensar a respeito das formas como o torcedor cuida disso que lhe é tão fundamental e que está sempre em jogo. Da mesma maneira, foi possível compreender como é vivida a falta, o estar em débito com a própria existência, e como isso se dá na relação dos torcedores com os jogadores de seus times. Além disso, pode-se agora entender a força das emoções que são marcas registradas do torcedor de futebol e seus estados afetivos principais. Tal compreensão não teria sido possível não fossem a proposta da fenomenologia de ter como ponto de partida o fenômeno a ser investigado e o uso da ontologia heideggeriana, fatores esses que abrem a possibilidade de se pensar o torcedor como existência, sem determinações prévias.

Uma vez que a compreensão aqui realizada propõe que o torcedor seja visto como singularidade e que o futebol seja percebido como o que dá sentido à sua vida, torna-se possível realizar novos aprofundamentos nessa direção, pois agora se inaugura um novo ponto de vista sobre o torcedor. Tendo-o como referência de si mesmo, se faz necessário o desenvolvimento de um conhecimento extenso a seu respeito, por ser fundamental integrante de um dos maiores fenômenos culturais do nosso país.

Durante a realização desta pesquisa o autor desenvolveu uma série de reflexões pessoais. Uma delas é que os torcedores são a parte mais importante do futebol e ao mesmo tempo a mais negligenciada. O descaso com o qual o torcedor é tratado torna-se ainda mais questionável se levarmos em consideração a compreensão realizada neste trabalho, de que o futebol é o sentido de sua vida e deixaria de existir não fosse ele. Para poder vivenciar isso que lhe dá sentido, o torcedor tem que superar obstáculos em todos os momentos, desde a

hora da compra de ingressos até a volta para casa. Não são poucas as pessoas que desistiram de ir aos jogos por conta desses percalços e isso empobrece enormemente o esporte.

Durante a leitura das entrevistas foi extremamente tocante perceber o quão parecidos são os torcedores de times rivais. Com certeza cada um é dotado de características próprias, mas as coincidências se sobressaem em relação às diferenças. Através do contato e do conhecimento do outro, é possível estimular a percepção das semelhanças existentes e, quem sabe, amenizar a violência entre torcedores, como um deles especula.

O torcedor não pode mais ser pensado simplesmente como um fanático irracional, imagem que carrega perante muitos olhos. É a existência dele que está em jogo, assim como a existência dos que não são torcedores está sempre em jogo, entretanto pensada de outra maneira. Altos e baixos, ansiedades e expectativas, cuidado e falta, igualdades e diferenças em relação aos outros. Talvez o torcedor seja uma figura tão forte na nossa cultura porque em seu torcer ele mostra de forma extremamente emocionante o que é viver. E viver é comum a todos.

Referências bibliográficas

AYRES, N. Estádios: A visão do torcedor. **Diário Lance!** São Paulo, 11 mai. 2008. p. 9.

BOLA NA ÁREA. **Campeonato Brasileiro de 2008**. Disponível em <http://www.bolanaarea.com/brasileirao_2008.htm>. Acesso em: 01 de mar. 2009.

BRASIL. Lei n. 10.671 de 15 de maio de 2003. Dispõe sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 16 mai. 2003. p. 1.

BRUNS, M. A. de T. A redução fenomenológica em Husserl e a possibilidade de superar impasses da dicotomia subjetividade-objetividade. In: BRUNS, M. A. de T.; HOLANDA, A. F. (Orgs.). **Psicologia e pesquisa fenomenológicas: reflexões e perspectivas**. São Paulo: Ômega, 2001. p. 57-66.

BRUNS, M. A. de T.; TRINDADE, E. Metodologia fenomenológica: A contribuição da ontologia-hermenêutica de Martin Heidegger. In: BRUNS, M. A. de T.; HOLANDA, A. F. (Orgs.). **Psicologia e pesquisa fenomenológicas: reflexões e perspectivas**. São Paulo: Ômega, 2001. p. 67-82.

CAVALCANTI, Z. G. **Identidade coletiva de torcidas organizadas de futebol da cidade de São Paulo**. 2002. 202f. Dissertação (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

COHEN, A.; AVRAHAMI, A. Soccer fans' motivation as a predictor of participation in soccer-related activities: An empirical examination in Israel. **Social Behavior and Personality**, [S.l.], v. 33, n. 5, p. 419-434, 2005. Disponível em: <<http://search.ebscohost.com>>. Acesso em: 07 abr. 2008.

DARTIGUES, A. **O que é a fenomenologia?** São Paulo: Centauro, 2005.

DESCARTES, R. **Meditações Metafísicas**. Tradução Jacob Guinsburg / Bento Prado Júnior. São Paulo: Ed. Abril, 1983.

FREITAS, C. M. S. M. As classes sociais na sociedade do espetáculo: o olhar dos torcedores de futebol. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 3, p. 329-334, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-05232005000300009&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 25 abr. 2008.

GAUNT, R.; SINDIC, D.; LEYENS, J. Intergroup Relations in Soccer Finals: People's Forecasts of the Duration of Emotional Reactions of In-Group and Out-Group Soccer Fans. **The Journal of Social Psychology**, Washington, v. 145, n. 2, p. 117-126, 2005. Disponível em <<http://search.ebscohost.com>>. Acesso em: 12 abr. 2008.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução Maria Sá Cavalcanti Schuback. São Paulo: Ed. Vozes, 2005. v. 1.

_____. **Ser e Tempo**. Tradução Maria Sá Cavalcanti Schuback. São Paulo: Ed. Vozes, 2005b. v. 2.

HORNBY, N. **Febre de bola**: a vida de um torcedor. Tradução Paulo Reis. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2000.

JOINSON, A. Information seeking on the Internet: A study of *soccer fans* on the WWW. **Cyber Psychology and Behavior**, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 185-190, 2000. Disponível em <<http://search.ebscohost.com>>. Acesso em: 08 abr. 2008.

LUCCAS, A. N. **Futebol e torcidas**: um estudo psicanalítico sobre o vínculo social. 1998. 215f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SILVA, E. M. **As “torcidas organizadas de futebol”**: violência e espetáculo nos estádios. 1996. 187f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.

PIMENTA, C. A. M. **Futebol e violência entre “torcidas organizadas”**: a busca da identidade através da violência. 1995. 260f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1995.

PUCCI, D. B. **Descrição da paixão de um torcedor de futebol**. 2006. Trabalho final da disciplina eletiva Pesquisa em Fenomenologia, Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo (não publicado).

WAGNER, C. M. **Futebol e Orgasmo**: ensaio sobre orgonomia e futebol. 1ª ed. [S.l.]: Summus editorial, 1998.

Anexos

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____, RG _____, declaro, por meio deste termo, que concordei em participar da pesquisa de campo referente ao trabalho de conclusão de curso intitulado “Compreensão Fenomenológica do Torcedor de Futebol”, desenvolvido pelo pesquisador Daniel Basile Pucci da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Estou ciente de que o trabalho de conclusão de curso é orientado pelo Prof. Dr. Marcos Oreste Colpo, a quem poderei contatar, se julgar necessário, através do telefone 11-3082-3756. Afirmando que aceitei participar por minha vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com o único objetivo de colaborar com o sucesso do trabalho. Fui informado (a) do objetivo estritamente acadêmico do estudo, que é analisar a experiência de ser um torcedor de futebol.

Fui também esclarecido (a) de que o uso das informações que ofereci está submetido às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Minha colaboração se fará anônima e autorizo que a entrevista seja gravada e transcrita. Caso tenha dúvida ou me sinta prejudicado (a), poderei contatar o pesquisador e seu orientador, ou ainda o Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP. O pesquisador do estudo me ofereceu cópia assinada deste Termo de Consentimento, conforme recomendações da CONEP. Fui avisado que posso me retirar deste estudo a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

São Paulo, ____ de _____ de 2009.

Assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador: _____

Assinatura do orientador: _____

Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-SP
SEDE CAMPUS MONTE ALEGRE

Protocolo de Pesquisa nº 045/2009

Faculdade de Psicologia
Orientador(a): Prof.(a). Dr.(a). Marcos Oreste Colpo
Autor(a): Daniel Basile Pucci

PARECER sobre o Protocolo de Pesquisa, em nível de Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *Compreensão fenomenológica do torcedor de futebol*

CONSIDERAÇÕES APROVADAS EM COLEGIADO

Em conformidade com os dispositivos da Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), em que os critérios da relevância social, da relação custo/benefício e da autonomia dos sujeitos da pesquisa pesquisados foram preenchidos.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido permite ao sujeito compreender o significado, o alcance e os limites de sua participação nesta pesquisa.

A exposição do Projeto é clara e objetiva, feita de maneira concisa e fundamentada, permitindo concluir que o trabalho tem uma linha metodológica bem definida, na base do qual será possível retirar conclusões consistentes e, portanto, válidas.

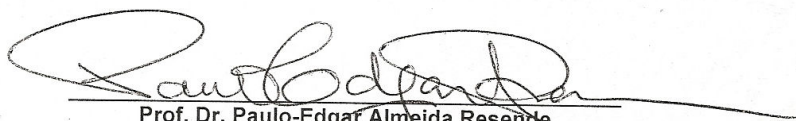
No entendimento do CEP da PUC-SP, o Projeto em questão não apresenta qualquer risco ou dano ao ser humano do ponto de vista ético.

CONCLUSÃO

Face ao parecer consubstanciado apensado ao Protocolo de Pesquisa, o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre, em Reunião Ordinária de **27/04/2009**, **APROVADO** o Protocolo de Pesquisa nº **045/2009**.

Cabe ao(s) pesquisador(es) elaborar e apresentar ao CEP da PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre, os relatórios parcial e final sobre a pesquisa, conforme disposto na Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, inciso IX.2, alínea "c", do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), bem como cumprir integralmente os comandos do referido texto legal e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS).

São Paulo, 27 de abril de 2009.


Prof. Dr. Paulo-Edgar Almeida Resende
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP